



Instituto Politécnico de Santarém
Escola Superior de Educação
Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária

APRENDIZAGEM ENTRE PARES COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA E ÊXITO NOS CURSOS TÉCNICOS NO *CAMPUS* BRASÍLIA

Diana Angélica Carvalho de Sousa

Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge de Castro Garcia Coelho Dias

Coorientadora: Professora Doutora Maria Cristina Madeira da Silva

2019, Setembro



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária

APRENDIZAGEM ENTRE PARES COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA E ÊXITO NOS CURSOS TÉCNICOS NO *CAMPUS* BRASÍLIA

Dissertação apresentada para obtenção
do grau de Mestre no âmbito do
Mestrado em Educação Social e
Intervenção Comunitária da Escola
Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Santarém.

Diana Angélica Carvalho de Sousa

Orientador: Professor Doutor Paulo Jorge de Castro Garcia Coelho Dias

Coorientadora: Professora Doutora Maria Cristina Madeira da Silva

2019, Setembro

Resumo

Essa dissertação trata da pesquisa que tem por objetivo principal identificar as estratégias utilizadas entre os estudantes para contribuir com o processo de ensino aprendizagem entre os pares nos cursos técnicos do campus Brasília do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB. Para isso contou com a participação dos estudantes selecionados no programa denominado monitoria nos anos de 2017 e 2018, monitores, e os estudantes por eles assistidos. Dentro desse recorte 15 estudantes monitores e 10 estudantes assistidos foram submetidos a procedimento de inquérito por entrevista semiestruturada utilizando a metodologia qualitativa. Os dados obtidos foram analisados com base na análise de conteúdo de forma a conhecer as estratégias e as contribuições da atividade entre os pares para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Constatou-se que as principais contribuições relacionam-se ao aprimoramento das habilidades sociais, promoção da autonomia, autorregulação da aprendizagem, motivação para persistir no curso e cooperação. A partir disso foi construída uma proposta de intervenção socioeducacional voltada para a melhoria contínua e pleno aproveitamento desse programa como importante recurso para valorização dos processos de ensino aprendizagem.

Palavras chave: aprendizagem entre pares; educação profissional; habilidades sociais; autorregulação; motivação; cooperação.

Abstract

This Master's thesis deals with the research whose main objective is to identify the strategies used among students to contribute to the teaching-learning process between peers in the technical courses of Brasília campus, The Federal Institute of Education, Science and Technology Brasília - IFB. It had the participation of the students selected in the program called monitoria in the years 2017 and 2018 and the students they assisted. Within this cut-off, 15 student monitors and 10 assisted students were submitted to a semi-structured interview survey procedure using the qualitative methodology. The obtained data were analyzed based on the content analysis in order to know the strategies and the contributions of the activity among the pairs for the development of the teaching-learning process. It was verified that the main contributions are related to the improvement of social skills, promotion of autonomy, self-regulation of learning, motivation to persist in the course and cooperation. From this, a proposal for socio-educational intervention was developed, created to the continuous improvement and full utilization of this program as an important resource for valuing learning-teaching process.

Keywords: peer learning; professional education; social skills; self-regulation; motivation; cooperation.

Agradecimentos

A gratidão é um sentimento de reconhecimento da importância das contribuições para a nossa evolução. Segundo os ensinamentos de uma senhora que não frequentou os bancos escolares e teve apenas um preceptor que a iniciou nas letras e números, minha mãe, a gratidão deve se converter em palavras e principalmente em ações para que de fato frutifique e alcance outras pessoas. Este é um dos meus atos de agradecimento:

Ao universo porque conspira em meu favor o tempo inteiro;

Aos estudantes que tão gentilmente concordaram em participar desse trabalho, sem essa disposição não teria sido possível;

A Ana Carolina pela generosidade, disponibilidade, cooperação, ou seja, por caminhar junto na construção desse trabalho;

Aos professores do MESIC pela mediação do conhecimento construído ao longo do curso;

Ao professor Paulo Dias, meu orientador, pela orientação e gentileza nos momentos de aflição, por incentivar a autonomia e confiança;

A minha família e amigos pessoais por respeitar os momentos de privação do convívio em busca desse objetivo.

A cada pessoa que contribuiu direta ou indiretamente até esse exato momento.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	3
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA: SOBRE A INSTITUIÇÃO, OS CURSOS TÉCNICOS E O PROGRAMA DE MONITORIA	3
2.2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL.....	7
2.3 O CARÁTER SOCIAL DOS INSTITUTOS E AS POLÍTICAS DE INCENTIVO À PERMANÊNCIA. 14	
2.4 O ACESSO E INGRESSO NO IFB	20
2.5 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E A ANDRAGOGIA	22
2.6 - OS CURSOS TÉCNICOS E SUA ESTRUTURA CURRICULAR	28
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	31
3.1 QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS FUNDAMENTAIS SUBJACENTES ÀS OPÇÕES METODOLÓGICAS SEGUIDAS: A PESQUISA AÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FORMAL. ..	31
3.2 SOBRE O OBJETIVO E A QUESTÃO A SER INVESTIGADA	36
3.3 PÚBLICO-ALVO	37
3.4 PLANO DE OBSERVAÇÃO E PROCEDIMENTOS.....	38
3.5 MODELO DE ANÁLISE.	41
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	44
4.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA	44
5. EDUCAÇÃO SOCIAL E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
7 REFERÊNCIAS.....	71
ANEXO I.....	83
ANEXO II.....	85
APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTA COM MONITORES	86
APÊNDICE 2 – GUIA DE ENTREVISTA COM DISCENTES	87
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO	88

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: CONTRIBUIÇÕES DA MONITORIA PARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	45
GRÁFICO 2: DADOS SOBRE ASPECTOS NEGATIVOS DA MONITORIA PARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM	49
GRÁFICO 3 - CONTRIBUIÇÕES DA ATIVIDADE DE COMPARTILHAMENTO DE SABERES ENTRE OS PARES PARA A FORMAÇÃO PESSOAL DO ESTUDANTE MONITOR	50
GRÁFICO 4: CONTRIBUIÇÃO DA TROCA DE SABERES ENTRE OS PARES PARA A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE ASSISTIDO.....	53
GRÁFICO 5: SOBRE OS RELACIONAMENTOS ENTRE ESTUDANTE MONITOR E ORIENTADOR	61
GRÁFICO 6: DADOS DO RELACIONAMENTO ENTRE ESTUDANTES MONITORES E ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL	62

ÍNDICE DE TABELA

TABELA 1. SUGESTÕES DE MELHORIA PARA O PROGRAMA BOLSA MONITORIA	66
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

CEFETs – Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica

CDAE - Coordenação de Assistência Estudantil

CF 88 - Constituição da República Federativa do Brasil, 1988.

EITs – Escolas Industriais e Técnicas

ETFs – Escolas Técnicas Federais

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

FIC – Formação Inicial e Continuada

IFB – Instituto Federal de Brasília

IF's - Institutos Federais

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NAPNE - Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Especiais

PNAEs – Programa Nacional de Assistência Estudantil

SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação

1. INTRODUÇÃO

Os Institutos Federais surgem da necessidade de formação especializada de nível técnico, ou seja, com viés mercadológico, para atender a demanda do mundo do trabalho. Entretanto, quando foram reestruturados no modelo que conhecemos na atualidade, ganharam plasticidade maior. Para além da formação técnica, devem também preocupar-se com uma formação holística, balizados na justiça social e nos critérios de fomento ao desenvolvimento econômico local. Com o intuito de auxiliar na consecução desses fins os Institutos Federais aplicam alguns programas de incentivo à permanência e ao êxito previstos no Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAEs.

No *campus* Brasília são aplicados quatro dos referidos programas: auxílio emergencial, auxílio permanência, bolsa monitoria, apoio técnico científico.

Na presente Dissertação procuramos focar-nos especialmente na análise da forma como se desenvolvem os processos de atuação dos discentes no programa nomeado bolsa monitoria, dos recursos, do suporte dado aos discentes, bem como procuramos escutar discentes monitores e discentes atendidos em relação ao referido programa, podendo propor estratégias balizadas nos seus argumentos a respeito de possíveis alternativas para conflitos, se estes forem observados ou, ainda, possíveis técnicas para melhorias do processo.

O público atendido pelos Institutos Federais é bastante eclético, sobretudo nos cursos técnicos tendo em vista a modalidade de acesso por meio de sorteio. Assim, a constituição das turmas é bastante heterogênea. Muitos são trabalhadores procurando melhorar o currículo profissional, existem também pessoas em idade adulta que estão longe dos bancos escolares há muito tempo. Essas diferentes motivações e providências influenciam no desempenho acadêmico e muitas vezes são causa de dificuldades e até abandono do curso. Sobre essa ótica consideramos ser importante utilizar com maior eficácia os recursos disponíveis ou, ainda, desenvolver estratégias para facilitar a permanência e êxito dos discentes.

Considerando os aspectos pedagógicos, fator preponderante nos resultados acadêmicos e seu forte impacto para a consecução de resultados minimamente satisfatórios visando o êxito na jornada estudantil, na presente dissertação procuramos observar a aplicação do programa denominado bolsa monitoria, que tem como um dos seus arcabouços

promover o aprendizado entre pares, uma vez que consiste em designar discente com desempenho acadêmico além do satisfatório e disponibilidade de tempo para atuarem como auxiliares no processo ensino aprendizagem com seus pares.

O acompanhamento do programa poderá ter como entrave o fato da instituição ser nova e de ainda estar em processo de construção da sua identidade, observando que a escola tem um caráter híbrido sendo simultaneamente espaço para adolescentes do ensino médio, alunos da graduação, discentes da pós-graduação e, de mestrado, ou seja, um cenário de muitas variáveis.

No ano de 2017, foram divulgadas 143 vagas para a monitoria, destas, 68 foram reservadas aos cursos técnicos; no ano de 2018 foram publicadas 137 vagas em edital, reservadas 50 para os cursos técnicos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contextualização da pesquisa: sobre a instituição, os cursos técnicos e o programa de monitoria

Ao entendermos a pesquisa como um movimento de desconstrução e reconstrução para a fundamentação e desenvolvimento de um dado conhecimento, tendo por base a relevância da prática visto que o conhecimento não é apenas teórico, teremos então a consciência de que observar a práxis como base para a construção de saberes que ultrapassam o abstrato pode ser o caminho para a promoção das mudanças que desejamos ver, pois a educação não é um fenômeno isolado, mas uma ação inserida em um contexto sócio, político, cultural.

Ao nos dispormos a refletir sobre a construção de processos educativos contextualizados, atuais e complexos, buscamos caminhos já percorridos ou outros novos para a organização do conhecimento teórico, pois, segundo Chizzotti (2010: p 42): “transcende as sensações e pressupõe um processo mental que organize o conjunto das percepções em uma totalidade sintética - o conceito”. Nas ciências sociais a observação do contexto em que determinada experiência se revela pode vir a ser o ponto essencial para a intervenção e possível mudança da realidade.

Na pesquisa participante segundo Oquist (1978, citado por Demo, 2004, p. 54) há duas posturas que acentuam o caráter da pesquisa participante: o pragmatismo, que constrói o conhecimento utilizando-se de operações ativas; e o materialismo dialético, que salienta a necessidade entre teoria e prática.

Como veremos melhor adiante na metodologia, este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa participante ou pesquisa-ação em que a pesquisadora se faz presente ativamente em todo o processo de pesquisa. Tal modalidade de pesquisa traz consigo relevância social indiscutível, pois representa benefícios à comunidade, destacando sua utilidade na prática social, conjugando teoria e prática.

O *Campus* Brasília do Instituto Federal de Brasília (IFB) foi criado em 2008 por meio da Lei 11.892. A vocação do *campus* foi definida por meio de consultas à sociedade, tendo como base dados socioeconômicos da região. Cada *campus* realiza pesquisa junto à comunidade, às empresas, às associações, aos frequentadores e aos moradores das

proximidades. Assim, estabelece parâmetros para definir a demanda por capacitação e delimitar seu eixo tecnológico.

A unidade atua em quatro eixos tecnológicos: Gestão e Negócios, Tecnologia da Informação, Hospitalidade e Lazer e Artes na área de Dança. São oferecidos cursos técnicos, superiores, incluindo pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*, de Formação Inicial e Continuada (FIC), projetos de extensão, cursos de idiomas.

Este trabalho tem como *locus* preferencialmente os seguintes cursos técnicos que estão descritos no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos. Os cursos técnicos subsequentes são ofertados a quem concluiu o ensino médio. São eles:

- Técnico subsequente em eventos: forma profissionais para atuar em empresas organizadoras de eventos, espaços de eventos, locais de lazer, meios de hospedagem, instituições públicas e privada, agências de turismo. O estudante oriundo deste curso está apto a atuar auxiliando no planejamento e na organização de eventos, atuando com responsabilidade social, ambiental e cultural.
- Técnico subsequente em Informática: forma profissionais aptos a atuar no desenvolvimento de programas de computadores, seguindo as especificações da lógica de programação e das linguagens de programação. Utilizar testes de *software*, mantendo registro que possibilitam análise e refinamento dos resultados.
- Técnico subsequente em serviços públicos: o egresso desse curso poderá atuar em organizações públicas, como servidor público ou prestador de serviços nas esferas federal, estadual, distrital e municipal, também em instituições não governamentais que desenvolvam atividades ligadas à promoção do bem estar social, desenvolvimento regional, pesquisa aplicada e inovação tecnológica.

Com o objetivo de proporcionar suporte aos discentes com dificuldades nas componentes curriculares em algumas áreas específicas de conhecimento, a cada seis meses é publicado um edital pela Coordenação de Assistência Estudantil para a seleção de monitores. Em tal instrumento são elencados os critérios para participar e concorrer a uma vaga de monitoria. O programa começou a acontecer no *campus* Brasília em 2012 com a regulamentação na primeira Política de Assistência Estudantil em dezembro de 2011.

Após a publicação do edital, os discentes têm um prazo para realizar a inscrição. É necessário comprovar os seguintes requisitos: estar regularmente matriculado, ter cumprido a componente curricular para a qual está pleiteando a vaga ou comprovar ter os pré-requisitos necessários ao bom desempenho da atividade, preencher o formulário de inscrição anexando os documentos solicitados.

A coordenação de assistência estudantil¹ organiza as inscrições em processos e encaminha para a coordenação de cada curso para que sejam analisados os documentos pelo docente orientador. O profissional responsável pela orientação poderá, além da análise dos documentos, marcar entrevista com o candidato e, aplicar um teste de conhecimentos específicos. Após essa etapa o processo retorna para a coordenação de assistência estudantil com os resultados finais para ser publicado.

Com a publicação do resultado final os discentes selecionados são convidados a comparecer ao local indicado para assinatura do termo de compromisso. Tal documento contém a descrição sumária das atividades a serem desempenhadas, cópia daquilo que foi descrito no próprio edital. Na Política de Assistência Estudantil existe a previsão de realização de uma reunião inicial para as orientações das atividades, demarcação de limites de atuação na monitoria, descrição do trabalho a ser desenvolvido pelo docente-orientador, fixação de prazos para entregas dos documentos, orientações gerais sobre os pagamentos e alguns outros esclarecimentos.

Considerando que essa é uma atividade pedagógica, existe a previsão de acompanhamento e orientação aos envolvidos na execução da atividade fim, discente-monitor e professor-orientador e avaliação pedagógica de toda a dinâmica com o objetivo de melhoria contínua dos processos e correções das curvas.

Sob a premissa de que os discentes selecionados são aqueles com desempenho acadêmico de destaque, com maior desenvoltura com o conteúdo da disciplina, pressupõe-se que estão dotados dos recursos para a efetivação de diálogos e compartilhamentos com os

¹ A Assistência ao Estudantil é composta por uma equipe multiprofissional que conta com profissionais do serviço social, da psicologia, da pedagogia e, no campus Brasília, com assistentes de alunos. Ocupa um espaço que favorece o atendimento individualizado necessário ao atendimento nos casos de vulnerabilidade, quando se faz necessário atendimento privativo. É o setor responsável pela publicização dos editais de chamada pública para seleção do público a ser contemplado com os recursos da política de assistência ao estudante. Tem a incumbência de selecionar, acompanhar e monitorar o uso dos recursos destinados ao setor, além de propor projetos e melhorias para os programas já existentes.

seus pares, ou seja, para realçar aspectos que não foram percebidos durante as aulas pelos discentes que serão atendidos na monitoria.

Aqueles que apresentarem dificuldades com os conteúdos explanados em sala de aula terão assim a oportunidade de ter uma assessoria mais próxima visando facilitar a acomodação do conhecimento. Para Ingold (2010)

O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. (p. 21)

Assim, a atividade de monitoria prevê a realização da facilitação dos processos de ensino e aprendizagem aproveitando aquilo que Vygotsky denominou zona de desenvolvimento proximal. Deste modo, a atividade de monitoria usa a estratégia de proximidade entre os protagonistas: discentes atendidos e discentes monitores, são colegas do mesmo curso que farão uso da linguagem própria do seu dia a dia, dos laços afetivos e, principalmente, do local de onde falam, pois estão situados no mesmo local dos seus pares, enfrentando os mesmos desafios, com dificuldades diferentes ou com as mesmas dificuldades mas que recebem incentivo para juntos elaborar meios de superar os obstáculos.

A aprendizagem entre pares pode ser um recurso para melhoria dos processos de compartilhamento de saberes. Falar do mesmo local, ter as mesmas vivências, estar no mesmo momento da vida podem representar elementos facilitadores do acesso ao mundo do estudante, considerando as idiossincrasias próprias de cada pessoa. A cooperação nessa escala de proximidade busca exatamente as afinidades, as semelhanças entre os pares como instrumento facilitador da acomodação e equilíbrio do saber.

Assim, nosso trabalho busca observar os processos que ocorrem na travessia entre o conhecimento disseminado em sala de aula com regência de profissional qualificado, e que apesar desse aparato ainda não atinge todos os discentes, e o esclarecimento das dúvidas ou a assimilação do conteúdo quando é feita por um colega de classe, um outro discente em situação similar, falando do mesmo lugar, ambos estando em situação idêntica.

(...) a educação é parte do contexto social, do tempo, dos valores, das condições materiais e dos acontecimentos históricos em que se encontra e aos quais se integra. As relações internas e externas à instituição educacional dependem e se determinam

pela vida dos homens, aos quais a ação educativa se destina. As aspirações destes, suas contradições, seus impasses, seus valores, suas visões de mundo e, fundamentalmente, o seu modo de produção material sustentam e dão significado à instituição educacional. (Pimenta, 2012, p. 80)

Pimenta (2012) nos faz observar a relevância dos fatores sociais para o desenvolvimento dos processos cognitivos, para encadeamento dos signos da aprendizagem. Na sociedade contemporânea as informações se propagam numa velocidade espantosa, as mídias sociais e os veículos de comunicação disseminam fatos e acontecimentos de forma ágil, a internet acelera essa dinâmica; nas conversas diárias, nas relações de trabalho, com os amigos, com a família somos confrontados por eventos que instigam a nossa capacidade de compreensão, mobilizando conhecimentos anteriores como alicerce de opiniões e posturas.

A dinâmica dessas relações coopera para o desenvolvimento do sujeito. O período em que a predominância das relações se dão no espaço escolar, com direcionamento e incentivo, possibilita a potencialização das aprendizagens:

Exige-se que a escola prepare as novas gerações com conhecimentos e habilidades cognitivas que lhes possibilitem entender e interpretar toda a gama de valores e informações que lhes são transmitidas no cotidiano, nas suas práticas sociais, nas suas relações com o mundo, habilitando-as para uma participação mais ativa e crítica da vida social e política. (Pimenta, 2012: p 101)

Eis o desafio posto à escola - preparar para a configuração social do momento e promover a autonomia necessária, a participação ativa na conjuntura de uma sociedade dinâmica, em processo acelerado de expansão do conhecimento mediada pelo uso das novas tecnologias. O público atendido pelos Institutos Federais é bastante eclético, de diferentes contextos sociais, neste sentido, as políticas de incentivo à permanência buscam equalizar as desigualdades utilizando variadas estratégias.

2.2 Breve histórico da educação profissional

Ao pensarmos em educação é importante percebermos que se trata de um processo complexo que permeia diferentes espaços e circunstâncias na vida dos seres humanos, com o intuito de acompanhar e estimular as inquietações na busca do saber.

É um fenômeno presente em todos os grupos sociais responsável pela transmissão, resignificação, manutenção, transformação e evolução dos signos próprios daquele grupo

ou de grupos mais amplos. O aprendizado é um fenômeno intrínseco à vida dos sujeitos, considerando também que aprender de modo significativo, ou humanizado como bem o definiu Paulo Freire (Ecco & Nogarro, 2015, p. 3), representa uma característica típica da espécie humana.

Educação e humanização são termos indicotomizáveis, pois educar, em síntese, objetiva formar e “trans-formar” seres humanos, valorizando processos de mudança dos sujeitos, atualizando suas potencialidades, tornando-os humanos (Ecco & Nogarro, 2015: p. 3526)

Portanto, educação e aprendizagem podem ser entendidas como um processo nunca acabado, mas que guarda em si a possibilidade de se ressignificar/reiniciar no momento em que for provocado ou em que o sujeito sinta curiosidade e/ou necessidade. O sistema educacional como o conhecemos hoje logo nos trás à memória aquela imagem cartesiana de alunos em suas carteiras e uma pessoa responsável por disseminar o saber, por organizar a dinâmica do esquema ensinar-aprender-refletir, igualmente acompanha a ideia, ainda atual, de que as pessoas procuram aquele espaço para aprender algo que desconhecem ou que não têm o reconhecimento formal de ser detentores de tal saber, esse modelo ainda é predominante nas redes de educação.

Ao longo dos acontecimentos que marcaram a história da humanidade, sejam fenômenos naturais, estruturais ou orgânicos impactaram na forma de nos organizamos enquanto grupos, a forma como nos relacionamos com o mundo à nossa volta.

Com o advento da Revolução Industrial inglesa, no terceiro quartel do século XVIII, ocorreram profundas mudanças estruturais nas relações de produção, de trabalho, de arrecadação, hábitos de consumo, configurações geográfica e administração do capital, mudanças que impactaram na forma como a sociedade se relaciona e, por conseguinte, na história da Educação Profissional, pois a influência do modelo econômico capitalista passou a demandar mão de obra qualificada para a execução de tarefas determinadas nas fábricas e de igual modo a exercer influência nos processos educativos. Com a revolução industrial, a educação transita da conotação política para a social, pois o

processo de transformação do trabalho humano desloca massas inteiras da população não somente das oficinas artesanais para as fábricas, mas também dos campos para a cidade, provocando conflitos sociais, transformações culturais e revoluções morais (Manacorda, 1992: p. 270)

Atividade tipicamente humana, o trabalho tem a capacidade de modificar e mobilizar interesses nas pessoas. Assim, ter uma formação profissional ou atualização contínua pode significar maiores chances de ingressar ou permanecer em um posto de trabalho.

No século passado os modelos de produção das fábricas, taylorismo e o fordismo, implementaram uma nova cultura de produção, focada na disciplina, racionalização, treinamento e preparação dos trabalhadores em consonância com as aptidões apresentadas, métodos padronizados para aumento da produção e redução de custos.

A forma como os trabalhadores se relacionavam também foi modificada em razão dessa reestruturação do processo produtivo. Assim, surge a necessidade de treinamento do trabalhador para ajustar-se à engrenagem que prioriza a manufatura.

Esse modelo organizacional, sob o comando do capital, apresentava uma nova vertente social com maiores expectativas de acesso ao mundo do trabalho e renda: a ideologia desse modelo econômico apresentava o paradigma de que bem treinada qualquer pessoa poderia ter acesso a uma atividade remunerada no mercado de trabalho.

No Brasil, a história da Educação Profissional Brasileira tem várias experiências registradas no século XVIII, antes mesmo da chegada da família real portuguesa ao país. Segundo documentos oficiais do Ministério da Educação e Cultura, o ano de 1909 foi marcado pela consolidação do ensino técnico-industrial no Brasil, pois Afonso Pena, em seu discurso de posse como presidente da República Federativa do Brasil, havia declarado que a criação dos institutos de ensino técnico e profissional, proporcionariam a formação de mestres e operários hábeis e instruídos.

Em 23 de setembro de 1909, o Decreto nº 7.566, cria, inicialmente em diferentes unidades federativas, sob a jurisdição do Ministério dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, dezanove “Escolas de Aprendizes Artífices”, destinadas ao ensino profissional, primário e gratuito.

No processo de industrialização brasileira, premissa do capitalismo no mundo, a Revolução de 1930² impulsionou a mudança de foco da economia nacional antes voltada

² A **Revolução de 1930** foi um evento armado da história brasileira, perpetrados pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Esse evento foi responsável pelo golpe de Estado de 1930, quando foi deposto o presidente da república Washington Luís. Isso impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes, sob alegações de fraude eleitoral, desgosto popular em função da crise econômica de 1929 e, por fim, o assassinato de João Pessoa. Assim, Getúlio Vargas tornou-se chefe do Governo Provisório com amplos poderes, revogando a constituição de 1891 e governando por decretos. Disponível no sítio <https://www.todamateria.com.br/revolucao-de-1930/> acesso realizado em 15 de março de 2018.

para o comércio de produtos primários, passou a investir fortemente na industrialização, apesar da crise mundial enfrentada pelo capitalismo com a quebra da bolsa de valores em 1929. “A Revolução de 1930 vai permitir no meio industrial paulista, a aplicação do taylorismo como forma de ‘racionalização do trabalho’” (Medeiros, 2009: p. 58), amplia-se o controle exercido pelo capital sobre os trabalhadores, a necessidade de treinamento dos operadores das máquinas impactando na estrutura educacional, refletido na legislação, uma vez que as leis tem o intuito de registrar o anseio da população, em tese.

Corolário dessa situação, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1937, foi a primeira a tratar especificamente de ensino técnico, profissional e industrial, estabelecendo no artigo 129:

O ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado. Cumpre-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional e subsidiando os de iniciativa dos Estados, dos Municípios e dos indivíduos ou associações particulares e profissionais

Ainda na década de 30, um grupo de educadores brasileiros se reúne para discutir os rumos que a educação no país estava tomando. Nessa discussão foi elaborado o documento nomeado manifesto dos pioneiros da escola nova, onde foram elencados aspectos que deveriam pautar a educação para a formação de uma sociedade mais apta para os novos desafios apresentados.

A transformação de nosso regime educacional de acordo com o manifesto, não tem apenas, por si, o espírito atual e vivo que lhe está imanente, e os fundamentos científicos e filosóficos em que se apoia, mas a consciência do papel que a escola deve desempenhar, não só na formação do espírito e da unidade nacional, como na aproximação dos homens e no restabelecimento do equilíbrio social, realizando pela integração da escola na sociedade (socialização da escola) a integração, no grupo e na vida social, do indivíduo cada vez mais isolado entre um grupo familiar que se atrofia e se desagrega e uma sociedade tornada imensa. (Azevedo, 2010: p. 29)

O ideário posto pelos pioneiros permanece atual, coerente com as necessidades e desafios postos aos sujeitos; a individualidade tem prevalecido sobre o coletivo causando rupturas e isolamentos; no contexto escolar vivenciamos um ambiente adoecido, com a necessidade urgente de rever sua estrutura e forma de atuação, precisando refletir sobre a sociedade atual, sobre a competitividade apenas por competir, por vezes negligenciando valores ligados à constituição do sujeito como ser gregário.

As escolas técnicas, da forma como foram concebidas lá no início da sua criação, surgem com o ideário de formar a força de trabalho. Desta forma o movimento tecnicista,

ensino inspirado nas teorias behavioristas: com prática pedagógica muito controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas e programação do ensino pormenorizada, com a supervalorização dos manuais de ensino, sem margem para a expressão espontânea da criatividade seja do docente seja do discente, configurou-se como o principal modelo adotado nas redes de ensino do país.

O marco referencial do movimento tecnicista oficializado em nossa legislação foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, que torna, de maneira compulsória, técnico-profissional, todo currículo do ensino médio, à época denominado segundo grau, impondo um novo paradigma: formar técnicos sob o regime da urgência. Esse paradigma configurou a educação nacional por longo período, a predominância do modelo racional com a divisão social do trabalho marcadamente destacada.

Desde a sua criação as escolas técnicas carregam em seu arcabouço, além da formação para o mundo do trabalho, também uma função social, pois surgem, inicialmente, com a finalidade de proporcionar formação profissional aos desvalidos da nação. A legislação educacional brasileira foi delineando os alcances e demandas que deveriam ser atendidos, delimitando os contornos para a formação, no caso dos institutos federais prevaleceu a formação técnica.

As diferentes modalidades de ensino contempladas na última versão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, publicada em 20 de dezembro de 1996 - Lei 9.394, apresenta a previsão de integração e propõe que as diferentes modalidades de ensino promovam a coordenação articulada das dimensões do trabalho, do ensino e da tecnologia formando um tripé da educação nacional. Nessa perspectiva, os documentos oficiais do Ministério da Educação expõe a seguinte orientação:

superando enfoques de assistencialismo e de preconceito social contido nas primeiras legislações de educação profissional do país, fazendo uma intervenção social crítica e qualificada para tornar-se um mecanismo para favorecer a inclusão social e democratização dos bens sociais de uma sociedade. Além disso, define o sistema de certificação profissional que permite o reconhecimento das competências adquiridas fora do sistema escolar. (MEC, 2009: p. 5)

Tal entendimento redimensiona as propostas educativas dos institutos. No ano de 2018, segundo dados do MEC – Plataforma Nilo Peçanha, são 38 institutos e 593 unidades espalhadas por todo o país, com oferta de 50% das vagas para o ensino técnico, buscando em seu escopo sintonia com os anseios da comunidade para o desenvolvimento regional e

local, agregando o singular e o plural, contribuindo para a compreensão de uma educação profissional e tecnológica que extrapole a mera instrumentalização das pessoas para ocupações determinadas, superando a dicotomia entre formação acadêmica e preparação para o mundo do trabalho.

Este posicionamento coaduna-se com a teoria pedagógica de Marx, que abre vasta discussão sobre as escolas politécnicas e sua função, sobre a dicotomia da divisão do trabalho, denunciando a divisão social das atividades remuneradas (Manacorda, 2007: p. 58), denunciando a manutenção da estratificação, ou seja, uma formação para o grupo destinado à execução de tarefas e uma formação para os que irão pensar as estratégias para a exploração do trabalho do outro grupo.

Sobrinho (2007: p. 7) nos recorda a perspectiva de expansão da cultura como um valor social: “segundo Nietzsche, a cultura não pode se reproduzir e crescer quando a educação está orientada para uma profissão, uma carreira, uma função, um cargo, quando é movida pelo ‘espírito utilitário’”.

“Assim, o processo formativo deve conceber-se de forma ordenada, criativa, rigorosa, e científica, cujos conteúdos propiciem, o desenvolvimento do sentido ético e do compromisso social das pessoas como responsáveis pela sua vida e pelas suas organizações, para que o cidadão se converta em participante ativo da sociedade” (Vogt & Alves, 2005: p.203)

Existe um longo percurso entre o ideário registrado nos documentos oficiais e aquilo que realmente ocorre no espaço escolar. Nosso maior desafio é equalizar a práxis, coadunando a proposta escrita com a realidade. Encontrar trabalho remunerado e mantê-lo são preocupações recorrentes da nossa sociedade atual.

A educação voltada para a construção de competências para o trabalho permite que as pessoas adquiram conhecimentos, habilidades e valores que lhes permitem melhorar a qualidade de suas vidas, tanto no momento presente quanto com reflexos no futuro, usando os recursos à sua disposição para realizar suas aspirações e identificar novas possibilidades.

Em relação à escola tradicional, espaço de reprodução e manutenção da cultura formal, Paulo Freire denominou esse modelo de educação bancária, onde o responsável pela organização da dinâmica em sala de aula deposita o conhecimento em outros corpos, nos estudantes (Freire, 2011), atua em conformidade com a preservação do *status quo*. Entretanto, cabe salientar que

se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a ‘educação bancária’ pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação (Freire, 2010: p. 71)

O modelo educacional tradicional ainda é o modelo mais comum na nossa rede de ensino; entretanto, a escola tradicional tem passado por muitas transformações. As críticas a essa metodologia têm suscitado mudanças; repensar a estrutura e os seres humanos como objetivo do processo educativo exige pensá-los como sujeitos históricos, capazes de interferir na realidade que os circunda, modificando a natureza e transformando-a para o seu bem estar

isso significa que ele é o único que se desprende de sua condição meramente natural, pronunciando-se diante do real e criando valores. Na criação de valores (“Isto é bom, isto não é.”) revela-se o caráter ético do homem: é por essa característica que ele transcende a necessidade natural, porque cria algo que não existe naturalmente. A criação de um valor lhe permite estabelecer um objetivo que o satisfaça e que só pode realizar-se com a atividade do homem orientada para sua concretização. (Paro, 2007: p. 4)

O ser humano faz sua história no momento presente, através da sua capacidade de crítica e autocrítica, analisando e resignificando as experiências, desse modo modificando seu contexto, interferindo e construindo valores para o espaço no qual está inserido, sua força de trabalho, as relações que estabelece no seu cotidiano, todos os espaços por onde circula, são de alguma forma impactados pela sua forma de articulação na vida.

Ao transformar a natureza pelo trabalho, o homem transforma-se a si mesmo, ou melhor, cria-se a si mesmo pelo trabalho, ao criar suas próprias condições de existência histórica (Paro, 2007: p.04). Sob esse aspecto a educação profissional vem de encontro à perspectiva de contribuir para o aperfeiçoamento de conceitos e técnicas capazes de impulsionar a aquisição de novos comportamentos que facilitarão o acesso aos novos postos de trabalho, atenta às necessárias alternativas às exigências do mercado de trabalho cada dia mais competitivo e dinâmico, promovendo a autonomia e maior mobilidade social dos sujeitos proporcionando o compartilhamento de experiências vivenciadas em outros espaços e momentos para ampliar o campo de visão possibilitando maior traquejo nas respostas às necessidades do cotidiano, nas lutas e conquistas de novos horizontes. É na prática que o homem deve demonstrar a veracidade do seu pensamento (Frigotto, 2011: p. 57).

2.3 O caráter social dos institutos e as políticas de incentivo à permanência

A organização dos saberes em grupos de conhecimento e a estruturação dos cursos de formação ao longo da história da educação foi sendo constituída de modo hierarquizado. Os saberes ganharam status diferenciados caracterizando uma escala de valores; alguns conhecimentos são socialmente mais valorizados em detrimento de outros, que também têm valor, porém valores diferenciados:

Os saberes que possuíam os professores jesuítas eram saberes verdadeiros, que não remetiam a processos sociais, mas a outros saberes, aos textos dos autores clássicos, descontextualizados e censurados, sempre em consonância com a reta doutrina da igreja e a tradição católica. Eram saberes desvinculados das urgências materiais, dos problemas sociais, saberes que se pretendiam neutros e imparciais. Desse modo, os saberes ligados ao mundo do trabalho, às lutas sociais, às culturas de determinados grupos ou classes sociais, começaram a ficar marcados pelo estigma do erro e da ignorância e viram-se desterrados do recinto sagrado da cultura culta, uma cultura que, com o passar do tempo converteu-se na cultura dominante e reclamou para si o monopólio da verdade e da neutralidade (Silva, 2011: p. 89)

O ranço dessa hierarquia ainda permanece nos dias de hoje, mas estudos como o de Bourdieu alicerçam as discussões sobre a perpetuação do *status quo* no currículo das escolas:

A escola, na perspectiva dele, não seria uma instituição imparcial que, simplesmente, seleciona os mais talentosos a partir de critérios objetivos. Bourdieu questiona frontalmente a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, argumentando que o que essa instituição representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura universal. (Nogueira & Nogueira, 2002: 18)

Assim, ao selecionar os conteúdos, isso deve ser ensinado na escola, mas aquilo não tem relevância, portanto não será parte do currículo, ao determinar as formas de avaliação, ao escolher as estratégias metodológicas de fazer o ensino, tudo isso está circundado de valores de uma cultura socialmente valorizada que predominantemente difere da cultura dos grupos sociais com renda mais singelas.

Reduzir as distâncias na escala dos valores, impulsionar reflexões para equalizar os critérios valorativos é um dos desafios dos Institutos Federais, superar as dicotomias da formação para a execução de tarefas, conscientes de que a execução de tarefas não pode ser uma atividade alienada, sem reflexão sobre ação, mas a mediação constante entre a apreensão do conhecimento científico e a produção, seu uso para a intervenção no real. Pensar a educação como estratégia para transformação da vida dos sujeitos capacitando-os para a tomada de consciência da sua condição de sujeitos históricos.

O marco legal da criação dos institutos federais no modelo e estrutura que conhecemos hoje, configura-se na Lei 11.894 de 29 de dezembro de 2008. A conjuntura política da governança observava a educação de qualidade como um catalisador capaz de mobilizar mudanças nos seguimentos sociais, rompendo com as dicotomias da estrutura social do país. Rememoremos os estudos de Marx, que destacou a bipolaridade contraditória do trabalho, que por um ângulo pode ser a miséria absoluta enquanto objeto, por outro ponto de vista, a possibilidade também plena de riqueza, enquanto sujeito e atividade: “De fato, os dois aspectos se condicionam e reciprocamente resultam da divisão do trabalho” (Marx, 1953 citado por Manacorda, 2007, p. 64).

Também seguindo essa lógica Bourdieu (Sobreira e Silva, 2012: p. 3710), nos lembra que a escola está inserida no processo de legitimação e reprodução das desigualdades sociais, e só pode ser explicada e compreendida tendo por base as relações entre as classes. No mesmo viés, Foucault, destaca que

“Os indivíduos, nessa visão, tornam-se instrumentais aos fins do Estado. A justiça, o bem-estar e a saúde são importantes para os indivíduos, mas porque eles aumentam a força do Estado. Os investimentos na saúde e na educação são *agora* investimentos instrumentais no indivíduo, a serem sacados mais tarde pela crescente força do Estado” (Silva, 2011: p. 30)

O trabalho como atividade inerente à vida em sociedade tem um potencial de modificar as estruturas, fazer o sujeito refletir sobre si, sobre sua atuação no mundo. Qualquer espaço onde as pessoas se relacionam pode ser caracterizado como um espaço pedagógico, um espaço de construções e trocas, de reconhecimento da própria experiência e da experiência de outros, portanto não podemos negligenciar o potencial transformador das relações construídas no espaço laboral e sendo o instituto um espaço pedagógico com viés específico para o desenvolvimento de competências técnicas não pode se furtar à promoção da reflexão crítica da atuação dos seus discentes no ambiente em que exercem suas profissões, conscientes de sua capacidade de transformar os espaços.

Destarte, o foco dos Institutos Federais foi então definido como sendo a justiça social, a equidade, a competitividade econômica e a geração de novas tecnologias (MEC, 2010). Desta feita a expectativa era de que os institutos dessem respostas rápidas às demandas impostas por uma nova conjuntura social, econômica e política que se apresentava.

O surgimento de novos postos de trabalho, com atividades inovadoras - a ampliação de exigências de maior qualificação sempre tão presente no desenvolvimento do capital,

corroboram com as diretrizes propostas no panorama dos institutos, atentos à promoção do progresso local, às demandas suscitadas pela região na qual estão inseridos.

Buscando superar a visão do capital a respeito das escolas técnicas, sob esse aspecto a educação teria como finalidade habilitar técnica, social e ideologicamente os diversos grupos de trabalhadores, para servir ao mundo do trabalho, desempenhando as tarefas sem maiores questionamentos e de modo ágil.

Segundo Frigotto (1999, p. 26): “trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder às demandas do capital”, instrumentalizar as pessoas para a execução de tarefas, sem, no entanto, promover a autonomia do pensamento ou a gerência da ressignificação dos saberes ignorando um importante aspecto da aprendizagem para o adulto, pois a assimilação dos saberes na fase adulta guarda relação direta com sua utilidade, ampliando seu significado nas relações estabelecidas no processo de elaboração do conhecimento:

A prática é o fundamento e o limite do conhecimento; assim, o objeto concebido como atividade subjetiva, como produto da ação do sujeito sobre o objeto, não nega a existência de uma realidade independente do homem e exterior a ele; o que esta concepção nega é que o conhecimento seja mera contemplação, à margem da prática; o conhecimento é o conhecimento de uma realidade que deixa de ter existência imediata, externa ao homem, independente dele, para ser uma realidade mediada pelo homem (Frigotto, 2011: p. 59)

A educação como prática social, promotora de ressignificação de sentidos, se desenvolve nas relações construídas ao longo do percurso, seja na escola, nos centros recreativos ou nos espaços de convivência social. Configura-se como campo social de disputas "na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente, nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classes" (Frigotto, 1999, p. 25):

Sendo responsável pela aprendizagem, cabe à escola propiciar a todos que a ela tiverem acesso, os instrumentos necessários à aquisição do saber sistematizado, pois é a apropriação desse saber, da ciência, o que justifica sua existência. A observação, a experiência, a opinião, devem ser devidamente valorizadas, pois é através delas que se constrói a ciência. É pela mediação da escola que o saber espontâneo passa ao saber sistematizado.

A função social das instituições de ensino vai além da formação acadêmica, sendo também o suporte para a aquisição e ampliação de conhecimentos, busca favorecer o uso estratégico dos saberes acumulados com o objetivo de fomentar o bem comum, a

prosperidade da vida pessoal, a atuação na comunidade local para que os sujeitos sejam simultaneamente autores e protagonistas da sua própria história.

Todos esses são aspectos relevantes para o exercício da cidadania plena, para a promoção da autonomia, a formação integral do sujeito, impulsionando a emancipação humana. Pensar a escola como espaço de socialização das pessoas com objetivos mais amplos que a instrumentalização para alcançar melhores postos de trabalho, promoção na carreira ou mobilidade social, mas vivenciar as relações da e na escola como laços promotores de autonomia e transformação social, incubadora de novos agentes de transformação.

Sob a perspectiva marxista o trabalho se apresenta como o “*meio primordial de humanização ou emancipação humana*”. Portanto, a escola destinada a formação técnico profissional tem a função social amplificada, pois promover a autonomia implica incentivar o uso pleno das potencialidades que cada sujeito é capaz de desenvolver. Assim, a educação é um dos principais recursos de alto alcance, para favorecer o desenvolvimento socioeconômico de uma localidade, de um país, pois pode promover a participação de todos os seus membros.

Nesse viés as políticas de incentivo e promoção social no âmbito educacional apresentam expectativas e contribuições para a permanência e, claro, a busca do êxito na trajetória acadêmica. Tais preceitos encontram alicerce na carta magna que prevê:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Posto sob esse enfoque de dar apoio ao estudante objetivando que sua passagem pela escola seja a mais promissora possível, contamos com o Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAEs, regulado no Decreto 7.234, de 19 de julho de 2010, que prevê assistência em vários segmentos da vida acadêmica, desde o apoio à moradia estudantil, à alimentação, ao transporte, à saúde, à inclusão digital, a cultura, ao esporte, a creche e o apoio pedagógico.

As normatizações da PNAEs estabelecem que a Instituição Federal de Ensino definirá os critérios e a forma de seleção dos estudantes a serem beneficiados, determinando as melhores estratégias para atender os discentes. A Política de Assistência Estudantil vigente hoje no IFB está dividida em três grandes áreas: Programas Universais, Programas de Promoção à Permanência e Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Acadêmico.

I - Programas Universais:

- a) Programa de Acompanhamento Social, Pedagógico e Psicológico (PROASPEP) - visa oportunizar atendimento aos discentes regularmente frequentes subsidiando os aspectos sociais, pedagógico e psicológico, favorecendo a permanência, prevenindo retenção e abandono.
- b) Programa de Promoção da Saúde - como a própria denominação indica busca viabilizar atividades de promoção do bem-estar, ações voltadas à prevenção da saúde do estudante como uma variável importante que interfere nos resultados do processo de ensino e aprendizagem.
- c) Programa de Incentivo à Cultura, Esporte e Lazer Discente (PINCEL) - o foco desse programa é apoiar projetos elaborados por estudantes, sob a orientação de um orientador que pode ser docente ou técnico, promover a interação da escola com a comunidade, incentivar talentos culturais, artísticos e esportivos, valorizando as culturas locais e regionais, contribuindo para a promoção do respeito à diversidade e inclusão social.

II - Programas de promoção à permanência:

- a) Auxílio Permanência Presencial - proporciona apoio financeiro ao estudante em situação de vulnerabilidade (alta ou moderada) para que possa manter-se no curso, como uma forma de complementação das despesas para atendimento prioritário ao transporte, material didático e à alimentação contribuindo assim para a sua permanência.
- b) Auxílio Permanência aos Estudantes da Educação a Distância - mesma estratégia do programa auxílio permanência presencial, mas para atender o estudante da modalidade à distância.
- c) Auxílio Moradia - trata-se de um auxílio financeiro destinado a estudantes regularmente matriculados e frequentes em cursos presenciais que comprovem situação de vulnerabilidade socioeconômica, residentes em outros estados, e cidades fora do Distrito Federal ou zona rural com dificuldades de acesso aos Campi.
- d) Residência Estudantil - no IFB acontece exclusivamente no *campus* Planaltina, para atender estudantes regularmente matriculados em cursos presenciais (com carga horária mínima de 200 horas aula) que morem a uma distância mínima de

50 km de distância do campus. O campus Planaltina é o único com espaço físico que possibilita acomodação dos estudantes.

- e) Auxílio Criança - criado para atender, exclusivamente, aos estudantes com matrícula e frequência regular, dos cursos presenciais com carga horária mínima de 200 horas, em situação de vulnerabilidade e socioeconômica e que não tenham com quem deixar seus filhos com idade de 0 (zero) até 12 (doze) anos nos horários de aulas, assim incentiva a frequência da estudante e evita a presença de crianças nas salas de aula e dependências dos *campi*.
- f) Auxílio ao Proeja - programa voltado ao atendimento de discentes regularmente matriculados e frequentes, do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio - PROEJA Integrado, com o objetivo de promover condições para a sua manutenção e permanência no Instituto.
- g) Auxílio ao Integrado - específico para o atendimento dos estudantes dos Cursos Técnicos Integrado ao Ensino Médio, regularmente matriculados. Por meio do auxílio financeiro, o programa objetiva viabilizar o direito à alimentação saudável no horário das aulas, no decorrer do cursos, nos Campi que não possuem refeitório próprio.

III - Programa de incentivo ao desenvolvimento acadêmico:

- a) Programa de Monitoria - visa proporcionar aos estudantes um espaço colaborativo para o desenvolvimento da aprendizagem, os discentes selecionados recebem uma bolsa como incentivo à participação no programa. Essa ação possibilita a participação de modo mais efetivo no processo educacional e apoio àqueles com necessidade de reforço nas atividades acadêmicas. Seus objetivos são promover o reforço e atender aos estudantes que estejam com dificuldade de aprendizagem; apoiar um maior envolvimento do estudante com o IFB; incentivar a participação dos estudantes no processo educacional e nas atividades relativas ao ensino, incentivando o interesse à docência; proporcionar uma melhor formação acadêmica ao estudante.
- b) Programa de Desenvolvimento Técnico Científico (PADTC) - oferece auxílio para participação dos estudantes em eventos técnico e científicos, ajuda de custo para participação em congressos, eventos técnicos científicos, subsidiando os custos de deslocamentos, hospedagem e alimentação. Os discentes com trabalhos selecionados para apresentação em algum evento têm prioridade em receber

recurso. O programa visa estimular o desenvolvimento técnico e científico dos estudantes, sua formação intelectual, acadêmica e profissional, favorecendo a formação integral do estudante. Atualmente no *campus* Brasília estão em execução os seguintes programas: auxílio permanência presencial, auxílio emergencial, programa de monitoria, apoio ao desenvolvimento técnico científico e programa de incentivo à cultura, esporte e lazer - Píncel. Cada *campus* tem autonomia para decidir sobre a aplicação dos recursos destinados à Assistência Estudantil, bem como selecionar os programas que melhor atendem aos anseios da comunidade escolar.

Considerando os aspectos pedagógicos, fator preponderante nos resultados acadêmicos e seu forte impacto para a consecução de resultado minimamente satisfatórios, sobretudo o aspecto êxito na jornada estudantil, bem como a observação dos aspectos sociais para a promoção da autonomia e plena cidadania dos estudantes.

2.4 O acesso e ingresso no IFB

Nesta seção, apresentaremos informações obtidas com o intuito de confirmar ou refutar a ideia da influência da forma de acesso e ingresso na instituição com o desenvolvimento satisfatório dos educandos nos cursos técnicos.

Com a publicação da lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, foi instituída a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, criando assim os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia com *campi* nos diferentes espaços geográficos do país. Assim, o propósito de equalizar as oportunidades de acesso e conclusão com êxito dos processos educativos da população de modo geral vem fortemente marcado em todas as vertentes de atuação da escola. Destarte, os institutos têm à sua frente o desafio de promover educação de qualidade pública e gratuita rompendo os paradigmas da educação como mercadoria de luxo, de difícil acesso e preço alto, por tanto realizável apenas para aqueles em situação financeira favorecida.

Apresenta-se um ensino estruturado sob o viés da formação social buscando superar as dicotomias de aspecto econômico dos estudantes, contribuindo para a consecução de um projeto social mais amplo. Sob esse enfoque Sobrinho (2010), destaca: “a educação-mercadoria tem compromisso com o lucro do empresário que a vende. A educação-bem público tem compromisso com a sociedade e a nação.

O *campus* Brasília fica situado em uma das regiões administrativas da Capital Federal. Atualmente, são dez *campi* dispostos geograficamente em regiões administrativas distintas. De acordo com o Projeto Pedagógico Institucional - PPI, os processos de ingresso nos cursos do IFB devem prever ações afirmativas e inclusivas.

Os cursos técnicos, têm atualmente como forma de seleção três etapas, sendo a realização de sorteio público que ocorrem de forma eletrônica, questionários e palestras. Na fase dos questionários de trajetória de vida são levantadas informações a respeito da vida do candidato ao curso, considerando a renda familiar per capita, o arranjo familiar, a trajetória escolar, a composição núcleo familiar. São aspectos que recebem uma pontuação específica ao serem comprovados, subsidiando a implementação das ações afirmativas.

As ações afirmativas têm como princípio fundamental a equidade expressa na Constituição Federal, o argumento central dessas ações, ao menos em tese, deve ser precisamente os valores e princípios do empoderamento pessoal, social e político. No Instituto, as políticas de ações afirmativas são implementadas visando cumprir sua função de equilibrar as oportunidades, promovendo a justiça social, dividindo as vagas por grupos de cotas assim distribuídos: egressos de escolas públicas, pessoas com necessidades educacionais específicas (amplo aspecto de deficiência), negros, quilombolas, indígenas, os de comprovada situação de vulnerabilidade social.

A palestra é uma etapa do processo seletivo, oferece informações e esclarecimentos sobre os cursos, aborda a estrutura de modo macro e dá ênfase ao *campus*. A palestra é pública, obrigatória, mas não se configura como critério de classificação. O sorteio é realizado respeitando a reserva das vagas descritas anteriormente.

Tradicionalmente o sistema educacional brasileiro costuma utilizar o modelo de provas para verificação de pré-requisitos com elaboração de *ranking* de notas para dar acesso a um curso, ou seja, as notas de desempenho são organizadas em uma escala valorativa e aqueles com maior pontuação têm a oportunidade de disputar as vagas. Deste modo, o IFB segue um outro estilo ao realizar sorteio de vagas.

Assim, coloca os candidatos em condições semelhantes e causa polêmica ao romper com a forma tradicional. Entretanto, ao equiparar os candidatos oportuniza aos que estão há muito tempo sem frequentar os bancos escolares oportunidade de concorrer nas mesmas condições que aqueles que acabaram de concluir algum curso. Seguindo aquilo que está registrado no Relatório Global sobre aprendizagem e Educação de Adulto

Promover a igualdade de oportunidades na educação é “uma das condições mais importantes para superar a injustiça social e reduzir as disparidades sociais em qualquer país [...] e também é uma condição para fortalecer o crescimento econômico (UNESCO, 2010, p. 18)

Em um país com dimensões continentais como o Brasil, com um histórico de lutas, escravidão, exploração e segregação, o acesso à educação de qualidade ainda é uma conquista que necessita de amplos incentivos. Esse estilo de seleção adotado pelo IFB, que prioriza o sorteio leva à formação de turmas bem heterogêneas. Temos na mesma classe alunos que há muito tempo não frequentavam a escola, às vezes com defasagem na aprendizagem; também alguns recém-saídos do ensino médio; alunos com formação em outro curso de mesmo nível e até de nível superior ao pleiteado, mas que estão em busca de mais um curso para complementar o currículo; jovens, adultos e idosos, trabalhadores e desempregados, com grande variedade cultural e social.

Esse processo seletivo diferenciado coloca no mesmo espaço estudantes com objetivos e expectativas muito distintas, situação rica e simultaneamente conflitante visto que confronta a origem social, étnica ou regional/local com a diversidade profissional do grupo que atua na instituição. Ademais a escola ainda está construindo sua identidade pedagógica com graus distintos de educação e/ou percepção dos objetivos da escolaridade.

A educação institucionalizada perpassa por toda a vida dos sujeitos. Desde a infância somos encaminhados para o aprendizado das regras de convívio em sociedade, para conhecer as formas de comunicação, as normas implícitas, os conhecimentos socialmente valorizados. A própria organização da escola indica os valores que permearão os processos educativos daquele espaço; a estrutura e disposição dos recursos também dão indícios, ultrapassa a perspectiva cartesiana de distribuição dos espaços, adentrando os aspectos inerentes ao saber sistematizado, disseminado na escola.

2.5 Processos de aprendizagem e a andragogia

Uma das atividades humanas mais sofisticadas diz respeito à capacidade de aprendizado, que pode ocorrer tanto por descoberta quanto por meio de experiências passadas. Sejam próprias do sujeito ou observando e pesquisando sobre situações vividas por outras pessoas, o ser humano acumula conhecimento, podendo repetir a experiência caso deseje o mesmo resultado ou modificar as ações para obter efeito diverso, alterar comportamentos para encontrar outros caminhos, modificar a realidade, promover inovação,

buscar alternativas para conflitos pessoais, profissionais, culturais, sociais; articular informações, provocar evolução pessoal ou em seu ambiente:

O processo de aquisição de conhecimento é condicionado, internamente, pelo conhecimento já acumulado e, externamente, por artefactos culturais partilhados (como a linguagem). Isto explica, em parte, porque é que indivíduos diferentes adquirem conhecimento semelhante, mas não idêntico. (Fino, 2004: p. 5)

Isto é, as experiências anteriores vão se entrelaçando na formação e uma teia de conexões que são acionadas para a construção de novos saberes, assim contribuem, mas não determinam, para a aquisição de novos conhecimentos. Quando uma situação nova acontece nos reportamos a experiências anteriores na busca de possíveis soluções para aquela divergência, variações que possam indicar um percurso, então o conhecimento vai se expandindo na soma das nossas vivências, agregando significados.

A aprendizagem ocorre nas mais variadas situações da vida humana, configura-se como uma autorregulação das estruturas mentais suscitando adaptação ao meio, superação de desafio, entendimento do contexto, solução de conflito de origem cognitiva.

Aprender é próprio da nossa condição no mundo: algo que nos é dado como possibilidade. Desde o nascimento, até o dia final, enquanto houver vida, a possibilidade está posta, mas jamais imposta. Ela pode ser recusada pelo nosso fechamento ao encontro com o mundo. No decorrer da vida, alteram-se os modos de aprender e os seus mecanismos. Contudo, não se trata, aqui, de deterioração, mas de formas peculiares de refração daquilo que parte do mundo para o homem e do homem para o mundo e que são referidas à natureza da nossa vida social de relação (Tunes, 2009: 6 citado por Bartholo, 2009: p 28)

Posto deste modo, os processos de aprendizagem permeiam todas as nossas ações, nossos pensamentos, formas de sentir, de ver e viver em sociedade, a maneira como criamos e manipulamos os objetos, o significado que damos aos símbolos, a forma como nos relacionamos com o mundo, com o outro, com as coisas, com a natureza, a nossa visão de mundo.

Desde o nascimento o ser humano está em constante formação, aprende a se expressar, aprende a respeitar as regras de convivência, aprende sobre recursos de alimentação, sobre preservação ambiental, sobre formas de explorar a natureza e retirar os melhores recursos, aprende a negociar melhores estratégias de sobrevivência, aprende a pesquisar sobre formas de preservação da vida, a identificar os sentimentos humanos; por outro lado, também faz parte do aprendizado humano alguns saberes não tão positivos,

aprende a explorar de forma descontrolada os recursos naturais, a caçar de forma predatória, a poluir o meio ambiente, desprezar a vida em busca de bens materiais, construir máquinas destrutivas, fabricar armas de destruição em massa, armas químicas, entre tantas outras coisas.

A vida humana está permeada de aprendizados, sendo esta característica humana a responsável por situar os sujeitos no mundo, na sociedade como um macrocosmo; é também a atividade que nos permite reconhecimento de pertencimento a determinado grupo, o microcosmo:

A construção do conhecimento deve considerar a bagagem sociocultural do aluno, a partir das referências da realidade em que está inserido, passando da condição de objeto da aprendizagem para ser sujeito, na condução de um processo educativo para emancipação do cidadão (Demo, 2002 citado por Vogt e Alves, 2005: p. 204)

Aprendemos quando nos relacionamos, e *“não nos relacionamos com um mundo físico bruto, mas com um mundo interpretado pelos outros. O que apreendemos e tornamos nosso se estabelece inicialmente em uma relação social e significativa”* (Braga, 2008: p. 20).

Desde o nascimento até o encerramento da vida como a conhecemos neste plano físico estamos em constante atividade de aprendizado; a influência das relações entre pares, entre pessoas mais experientes, entre pessoas aparentemente com poucas vivências mas com experiências diferentes, entre sujeitos nos diversos espaços de convivência proporciona a expansão dos saberes e conseqüentemente ocorre o aprendizado. Assim:

A consciência de nossas ações faz com que sejamos aptos a dominá-las, interferindo e transformando-as e assim podendo agir e recriar a realidade (...) A consciência leva à transformação e ao desenvolvimento e é por meio dela que o homem evolui, tornando-se capaz de estabelecer novos nexos e emancipar-se como sujeito ativo, que cria e recria sua realidade. (Souza e Andrada, 2013: p. 359)

A ação consciente permite reelaborar as ações escolhendo a melhor estratégia para o momento. Assim, possibilita a atuação de forma mais eficaz, desencadeando experiências significativas, a emancipação, que também pode ser entendida como autonomia do sujeito, corrobora para a construção de novos saberes e conseqüentemente para a ampliação da capacidade de entendimento do mundo, possibilitando que os sujeitos participem, interfiram, colaborem sendo simultaneamente atores e autores da história que vivenciam, conscientes da possibilidade de sua intervenção no contexto.

O encadeamento das transformações tem início no imaginário, com a articulação das ideias e possíveis soluções para os conflitos elaborados mentalmente. Na sequência a imagem criativa converte-se em ações:

para Vigotski, a imaginação humana, que é a base de toda atividade criadora, está presente em todos os campos da vida cultural, e torna possível a criação artística, científica e técnica. Por isso, tudo o que nos cerca e que é fruto do trabalho do homem, o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, é produto da imaginação e da criação humana. (Prestes, 2010: p 71)

Deste modo, é possível entender que os sujeitos não enxergam um objeto exatamente como ele é, mas o veem com as nuances próprias das suas experiências, sob a perspectiva particular do seu entendimento; aproveitam os signos estabelecidos mas ainda assim o objeto visualizado é um objeto interpretado, ou seja, a visão do objeto é reconstruída no seu significado. Assim, dado objeto adquire conotações peculiares, interpretação diferenciada:

Uma realidade social se transforma e se engendra a outras, possibilitando ações que promovem a conscientização do sujeito por meio da reelaboração de sentidos e significados, transformando-se a si e ao contexto ao seu redor. (Souza e Andrada, 2013: p. 364)

A composição das relações elaboradas no ambiente escolar são, portanto, muito influentes na construção dos saberes, tanto individuais quanto dos coletivos, podem ser compreendidas como ação de humanização, colocando em outras palavras:

“apostamos” na educação como a real possibilidade (mas não a única) para suscitar processos de humanização, pois sem educação autenticamente verdadeira, isto é, que prime pela formação e não pelo treinamento, é muito custoso romper e superar processos desumanizantes. Asseguramos, outrossim, que educar é promover o outro. E promover o outro é uma tarefa humanizadora. (Ecco & Nagavo, 2015: p. 3526)

As relações sociais influenciam nos processos de aprendizagem, dilatam ou contraem entendimentos, contribuem para a regulação dos esquemas de aprendizagem próprios da condição humana. Os seres humanos são plurais, multifacetados, carregam em si a capacidade de armazenar informações para alavancar mudanças, conforme se atualizam geram novas variáveis para a dinâmica social. Atualmente, o discurso sociointeracionista³

³ A teoria Sociointeracionista, Histórico-cultural, teoria da atividade proposta “é preciso lembrar, que o contexto histórico à época em que Vigotski desenvolveu suas ideias influenciou seu trabalho. O desejo de aprender com o método de Marx guiou seus estudos; para ele o importante era o que o marxismo oferecia para a psicologia constituir-se como ciência.” Considerava a influência das relações sociais, que o homem se humaniza nas relações.(Prestes, 2010: p 55).

de aprendizagem proposto por Vigotsky tem sido amplamente divulgado ecoando em vários seguimentos na educação brasileira

Assumindo o pressuposto da constituição social dos processos psíquicos e contrapondo-se às visões naturalistas, mecanicistas e idealistas da época, Vigotsky inaugurou uma concepção de desenvolvimento humano que se produz na história e na cultura, em processos de significação (Braga, 2008: p. 6)

No Brasil pouco se fala em condicionamento, treinamento, apesar de ainda estarem presentes nas escolas mais tradicionais. E Brasília, para citar um exemplo, a escola Alvaci Vitti Rossi utiliza metodologia tradicional com treinamento especialmente nas séries iniciais. É muito procurada e tem fama por seu alto índice de aprovação no concurso para ingresso no Colégio Militar de Brasília, também escola tradicional organizada e mantida pelo Exército Brasileiro com programa de excelência na qualidade do ensino e estrutura física de alto nível.

Na rede pública de ensino do Distrito Federal observa-se a presença marcante dos conceitos de aprendizagem significativa, mudança conceitual, construtivismo. Inclusive nas séries iniciais muitas escolas adotam o modelo de salas com pares de aprendizes, quando os alunos sentam em pares na sala, assim o discente com maior desenvoltura poderá auxiliar o colega.

A teoria de Vigotski é cada vez mais difundida em diferentes países e áreas; é conhecida como abordagem histórico-cultural, sociocultural, sócio-histórica, sociointeracionista, teoria da atividade (Braga, 2008: p.3). Sobre esse aspecto é sobretudo importante perceber que a construção da aprendizagem é favorecida pelas relações sociais, pelo contexto social em que o sujeito está inserido.

A teoria de Vigotski apresenta o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZPD) ou zona de desenvolvimento imediato, que pode ser entendida como sendo a distância atual de desenvolvimento e o nível potencial de desenvolvimento, ou seja, a distância entre o que se alcança sozinho e aquilo que pode ser alcançado com a ajuda de outra pessoa (Boruchovitch e Bzuneck, 2009), a ação que hoje se realiza por imitação, copiando um modelo mas que após conhecer o modelo ou receber ajuda poderá ser processada e realizada com autonomia.

Situa-se aqui o fundamento da atividade de monitoria pois ao realizar a interação com os pares promove-se o crescimento exponencial do potencial do discente. A transposição didática, ação que viabiliza a decodificação de forma mais singela facilitando assim a

compreensão, realizada entre colegas de classe estimula a assimilação do conhecimento impulsionando a expansão dos saberes:

Vigotski não diz que a instrução é garantia de desenvolvimento, mas que ela, ao ser realizada em uma ação colaborativa, seja do adulto ou entre pares, cria possibilidades para o desenvolvimento (Prestes, 2010: p.16)

Tunes (2009) nos leva a observar que a educação, “*entendida como um processo permanente de renovação, deveria acontecer sob a ótica da formação do julgamento pessoal, propiciando não o ‘saber mais’, mas o ‘saber melhor’*” um constante aperfeiçoamento das habilidades do ser humano, a evolução dos processos cognitivos. Oras, o refazer da prática está fortemente ligado a mecanismos de reflexão que levem à experimentação na ação que, por sua vez, possam contribuir para a construção e reconstrução dos saberes e das aprendizagens (Loureiro, 2010: p. 108). Entretanto, a lógica das instituições de ensino baliza-se no acúmulo, tentando mensurar a quantidade de conhecimentos absorvidos e ainda que tais conhecimentos sejam facilmente acessados quando solicitados em processos avaliativos, tal julgamento está cercado de complexidade:

Um dos sentidos contemporâneos da palavra aprender liga-se fortemente à ideia de adquirir e de acumular: a aprendizagem é tratada como um processo de aquisições e acúmulo gradual seja de informação, de conhecimento ou de experiência, associando-se, portanto, à noção de quantidade... há uma teleologia do aprender e uma hierarquia que conduz à sua terminalidade definida, mas inalcançável, o que permite a existência eterna da servidão entre seres com inteligências diferentes. Aprende-se o que tem valor mercadológico, o que pode ser trocado por títulos, status e vantagens sociais... E para manter esse sistema em funcionamento, o que se aprende também tem prazo de validade (Tuner, 2009: p 33)

Delineia-se assim outra dicotomia, agora a educacional, que distingue os que detém o conhecimento mas não são diplomados e os que são diplomados, que têm seus saberes reconhecidos e valorizados socialmente por entidade instituída para tal finalidade. Os detentores de saberes práticos enfrentam maiores dificuldades para obter reconhecimento uma vez que se convencionou local consagrado a disseminação do saber. Assim, prima-se pela frequência à escola para obter certificação.

Promover a aproximação dos saberes práticos dos seus colegas e os conhecimentos acadêmicos é o desafio posto aos monitores, que por terem afinidades com os discentes conseguem, por vezes, facilitar os processos, uma vez que falam do mesmo local, de igual para igual, simplificando os processos de entendimento, promovendo a correspondência dos conteúdos e desta maneira ressignificando os saberes para que os colegas em defasagem/dificuldade possam ter um apoio extra na caminhada para o desenvolvimento.

A monitoria pretende colocar alunos falando aos seus pares sobre os conteúdos ministrados em sala de aula, utilizando os conhecimentos subsunçores, a mesma estrutura linguística, recursos cognitivos similares para viabilizar a utilização da zona de desenvolvimento proximal.

Na Conferência Geral da UNESCO, em Nairóbi (1976), a educação de adultos foi descrita em sua amplitude:

denota o conjunto de processos educacionais organizados, seja qual for o conteúdo, nível e método, quer sejam formais ou não, quer prolonguem ou substituam a educação inicial nas escolas, faculdades e universidades, bem como estágios profissionais, por meio dos quais pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem suas habilidades, enriquecem seus conhecimentos, melhoram suas qualificações técnicas ou profissionais ou tomam uma nova direção e provocam mudanças em suas atitudes e comportamentos na dupla perspectiva de desenvolvimento pessoal e participação plena na vida social, econômica e cultural, equilibrada e independente; contudo, a educação de adultos não deve ser considerada como um fim em si, ela é uma subdivisão e uma parte integrante de um esquema global para a educação e a aprendizagem ao longo da vida (Extraído da Recomendação de Nairóbi sobre o Desenvolvimento da Educação de Adultos, UNESCO, 1976, p. 2).

A Monitoria Acadêmica está prevista na Lei nº 5540/68 que fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências, determinando, em seu Art. 41, que as universidades deverão criar funções de monitor para alunos do curso de graduação. Entretanto para os cursos técnicos não há legislação específica, fez-se um ajuste por correlação para viabilizar o atendimento também desse seguimento. A Política de Assistência Estudantil (Resolução N 014 / 2014 / Conselho Superior / IFB) define o programa como espaço colaborativo para a construção de aprendizagens e registra as orientações para a seleção dos discentes monitores.

No ano de 2017 foram ofertadas 143 vagas de monitoria distribuídas entre os cursos, destas 62 vagas disponibilizadas para os estudantes dos cursos técnicos. Em 2018 foram ofertadas 137 vagas, distribuídas entre os cursos, destas 50 vagas reservadas aos cursos técnicos.

2.6 - Os cursos técnicos e sua estrutura curricular

Existe um catálogo de denominações de cursos elaborado pelo Ministério da Educação que estão divididos em eixos tecnológicos. Após consulta à comunidade local ou

realização de audiência pública são definidos os eixos de interesse para posterior oferta naquela localidade, só então dá-se início ao planejamento dos cursos. Planejamento, nesse caso, entendido como processo de tomada de decisão sobre a ação, busca de equilíbrio entre meios e fins, adequação entre recursos humanos e materiais com o intuito de alcançar um objetivo, ou seja, mobilizar os recursos necessários a oferta do curso.

Planejar é uma atividade que está dentro da educação, visto que esta tem como características básicas: evitar a improvisação, prever o futuro, estabelecer caminhos que possam nortear mais apropriadamente a execução da ação educativa, prever o acompanhamento e a avaliação da própria ação. (Baffi, 2002, p. 02)

O planejamento das atividades escolares foi influenciado pelos modelos da administração, aliás o modelo de economia baseada no capital influenciou sobretudo a vida em sociedade, a escola também reflete esse movimento.

Atualmente são ofertados no *campus* Brasília três cursos técnicos subsequentes ao ensino médio, são eles: técnico em eventos, técnico em informática: desenvolvimento de sistemas e técnico em serviços públicos.

- O curso técnico subsequente ao ensino médio em eventos - está organizado em três módulos, com carga horária de 1.272 horas aula. A proposta desse curso visa habilitar o egresso a utilizar estratégias para a realização de eventos desde a sua concepção, passando pelos diferentes estágios até a concretização, serviços de apoio técnico e logístico a eventos de diversas classificações e tipologias, operar as ferramentas de marketing e de divulgação.
- Curso técnico subsequente ao ensino médio em informática: desenvolvimento de sistemas - prepara o egresso para desenvolver sistemas computacionais utilizando ambiente de desenvolvimento, realizar modelagem, implementar e mantém banco de dados, habita para utilização de linguagem de programação específica. O discente com essa formação também ficará capacitado para realizar testes de programas de computador, além de elaborar documentos para sistemas e executar manutenção de programas de computador. Curso com carga horária de 1270 horas aula.
- Curso técnico subsequente ao ensino médio em serviços públicos - para além de realizar atendimento ao público em repartições públicas, privadas ou organizações sem fins lucrativos como apoio técnico administrativo e na gestão

de pessoas, está habilitado para a realização do controle de procedimentos organizacionais e executar as operações decorrentes de programas e projetos de políticas públicas.

Considerando a função social da instituição, sobretudo os cursos técnicos buscam valorizar conhecimentos prévios, buscando aproveitar a sabedoria acumulada pela vivência fazendo uma ponte para os conhecimentos teóricos a fim de subsidiar a ação também com saberes socialmente reconhecidos:

um novo conceito e uma nova atitude diante do conhecimento. Valoriza-se igualmente o conhecimento obtido através da educação formal e no domínio da ciência e o conhecimento informal, a sabedoria acumulada pela vivência, a experiência das situações práticas, procurando combinar diferentes perspectivas, desde a própria definição de problemas de pesquisa. Reconhece-se que há algo mais além da observação sensorial na experiência humana e que isso também pode ser acrescentado ao estoque de conhecimento (Campos, 1984: p. 141)

Desde 2010 o *campus* Brasília oferta cursos técnicos subsequentes. Todos os cursos técnicos oferecem certificação intermediária, com habilitação profissional no módulo que foi concluído com sucesso, para que o estudante possa comprovar habilitação em áreas intermediárias de formação dentro do curso.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Questões epistemológicas fundamentais subjacentes às opções metodológicas seguidas: a pesquisa ação no contexto da educação formal.

O processo educativo passou e, ainda passa, por constantes transformações; atualizações implementadas com o objetivo de atender aos anseios da sociedade. Os avanços tecnológicos, as novas formas de interação e a propagação acelerada das informações apresentam uma nova configuração social com demandas urgentes para atender a postos de trabalho cada vez mais inovadores.

Deste modo, a educação formal incorpora essas necessidades para habilitar os cidadãos na busca e ocupação desses postos de trabalho. A educação formal pode representar o diferencial na seleção de profissionais e na manutenção do emprego, assim cresce exponencialmente a demanda por capacitação ou atualização.

Na antiguidade, um dos métodos educativos mais difundidos foi desenvolvido pelo filósofo grego Aristóteles, a escolástica, que primava pelo formalismo lógico e exposição mecânica dos temas em estudo, “a leitura crítica de obras”⁴.

Segundo Chizzotti (2010: 37), “Descartes abandona a lógica da escolástica por não encontrar a mesma precisão e lógica da matemática”, seu método indutivo-dedutivo, que seria uma dedução explicativa e racional de dados singulares. Deste modo, o que parece complexo, difícil de ser compreendido, torna-se mais acessível à razão quando decomposto em várias pequenas partes, como um quebra cabeça que, ao se juntar, forma um todo, estabelecendo uma ordem lógica para os elementos. Tal situação possibilita a revisão dos

⁴ O método escolástico consistia na leitura crítica de obras selecionados. Dessa análise se produzia as *sententiae*, curtas sentenças nas quais eram listadas as discordâncias entre fontes diversas, acerca dos temas tratados na obra em estudo. As *sententiae* serviriam para formular os dois lados da argumentação, buscando um acordo, livre de contradições, acerca do pensamento do autor ou do tema por ele discutido. Para tanto valiam-se da análise filológica e da lógica formal. Na análise filológica procurava-se por palavras que pudessem ter múltiplos significados, ou que o autor pudesse ter utilizado com um significado diferente do usual, o que poderiam resolver questões de discordância imediatamente. Uma vez compreendido, o melhor possível, o que o autor disse e aquilo que ele significou, procedia-se à análise pela lógica formal, explorando a argumentação em busca das conexões e conclusões, verificando a consistência dos argumentos. Neste processo, contradições poderiam ser entendidas como resultado da subjetividade do indivíduo que lia o texto, mas não presentes no texto em si. Por outro lado, se reconhecida a contradição de fato, a posição seria rejeitada. Maciel, Willyans. Escolástica, disponível em <https://www.infoescola.com/filosofia/escolastica/> acesso em 12 de fevereiro de 2018.

trajetos quantas vezes for necessário, com o intuito de revisar, aprimorar ou corroborar os resultados produzidos.

Para o empirismo a fonte principal do conhecimento é a experiência externa, sensações e percepções, sendo o conhecimento um processo indutivo que se processa a partir do aspecto particular para a abrangência do todo, chegando à generalização da experiência, ou seja, partindo do particular, já conhecido, para a síntese geral, desconhecida. A experiência pode ser descrita como a soma das percepções sobre determinada situação ou vivência: *“põe ordem no caos multiforme das sensações particulares por meio de categorias universais, preexistentes às sensações, e articula os dados empíricos em um todo inteligível - o conceito.”* (Chizzotte, 2010: p. 41).

Ao longo da história os processos educativos foram sendo aperfeiçoados e, desde a convenção do denominado mundo moderno, nos séculos XVII e XVIII com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a educação formal foi-se especializando, o desenvolvimento científico se amplificou e ganhou novas conotações. Pesquisas sobre os mais variados temas, sociais, científicos, técnicos, culturais, ecológicos e etc. alimentam o universo acadêmico procurando responder às demandas de uma sociedade a cada dia mais exigente e com necessidades mais específicas.

Três variáveis distinguem a pesquisa: a natureza, relaciona-se a causa ou a forma de medir, organizar as informações; o sujeito, protagonista capaz de modificar a realidade que o circunda e a história, *“enquanto lugar social onde os sujeitos atuam sobre a natureza e os fatos humanos, e tanto fazem os significados e quanto se fazem os autores dos acontecimentos”* (Chizzotte, 2010: p.48).

No caso específico do nosso trabalho, observar a perspectiva dos sujeitos sobre a própria aprendizagem, a maneira como interpretam o conhecimento, as estratégias que utilizam para facilitar o percurso educativo de seus pares considerando a natureza singular das evoluções ocasionadas pela aprendizagem consciente de que os problemas que afetam a educação não são neutros mas o reflexo de interesses, logo, olhar os processos de aprendizagem exige a percepção do contexto mais amplo, a influência ética e política da macroestrutura. Esse panorama torna-se ainda mais complexo ao lembrarmos o agente docente, outro importante ator, mas que no momento não será analisado.

Sob esse enfoque a abordagem fenomenológica constitui a melhor forma de observar os fatos qualitativamente:

Os pesquisadores qualitativos contestam a neutralidade científica do discurso positivista e afirmam a vinculação da investigação com os problemas éticos-políticos e sociais, declaram-se comprometidos com a prática, com a emancipação humana e a transformação social, adensam-se as críticas aos postulados e exigências das pesquisas unicamente mensurativas (Cicourel, 1964, citado por Chizzotte, 2010: p. 53).

As estratégias de pesquisa atendem aos diferentes objetivos do estudo, a pesquisa etnográfica em sua perspectiva descritiva pode abordar tanto a visão dos nativos de determinado grupo em estudo, seria a perspectiva êmica, quanto realizar a abordagem por categorias científicas do pesquisador, ponto de vista ético, assim buscando ser global, envolvendo múltiplas variáveis (Chizzotte, 2010: p. 73).

A pesquisa-ação visa o desenvolvimento local. Pode ser considerada um instrumento de intervenção em um espaço determinado, com o objetivo de mediar uma possível modificação da realidade observada, com destaque para a relevância social uma vez que visa facilitar a aproximação para a transformação de situações específicas, pois evidencia-se que não existe desenvolvimento neutro.

Cada iniciativa de desenvolvimento pressupõe uma intencionalidade social, política, econômica e cultural” (Dionne, 2007: p. 20). Intervir para o maior envolvimento e melhoria de resultados dos estudantes causa impacto na realidade estrutural que circunda cada estudante, pois esse ganha maior autonomia na sua atuação na sociedade, desde o espaço micro, a família, ao espaço macro, na comunidade, na sua cidade corroborando para aquilo que entendemos como educação social.

Sobre essa perspectiva a pesquisa-ação:

(...) permite distinguir nitidamente os objetivos essenciais da pesquisa-ação segundo duas tendências gerais: ou temos uma pesquisa com finalidade explicativa para uma situação dada, ou uma pesquisa com finalidade transformadora de dada situação. No primeiro caso, teremos uma pesquisa-ação que valoriza principalmente a geração de conhecimentos; no segundo, nossa atenção se voltará principalmente para a eficácia da ação. (Dionne, 2007: p. 42)

O conhecimento produzido terá caráter prático, pois a metodologia utilizada busca articulação entre momentos de reflexão teórica e de inserção empírica, analisando a realidade concreta, buscando explicação para os fenômenos reais, inicialmente com ideias genéricas, sem grandes pretensões visto que as especificidades de cada situação pedem uma análise particular, mas tem a intenção de auxiliar para que os sujeitos de dado contexto tornem-se conscientes da necessidade de se reconhecerem sujeitos históricos, capazes de modificar sua

realidade: “*A verdade só se constituirá a partir da relação entre pensamento e realidade, e só assim será praxica*” (Frigotto, 2011: p. 58).

Para além do fato em estudo, do contexto no qual se quer realizar intervenção, outro importante aspecto a ser considerado é a postura do pesquisador pois suas convicções filosóficas, sua trajetória acadêmica, sua história de vida, suas vivências, interferem na produção do trabalho final como afirma Campos (1984)

é contestada a neutralidade do pesquisador e ressaltados o seu compromisso social e político, as dimensões morais e ideológicas da sua participação. Recomenda-se ao pesquisador a preocupação em identificar a quem o seu trabalho beneficia, a que interesse serve, que valores orientam e são fortalecidos pelo resultado do seu esforço (p.6).

Os processos educativos em sala de aula ainda utilizam como principal metodologia a transmissão dos conhecimentos de modo verbal ou escrito na triangulação entre o conhecimento, o sujeito que educa e, simultaneamente, é o responsável por conduzir a dinâmica e o educando: mesmo na disseminação de valores o processo predominantemente segue esse rito, onde o conteúdo a ser estudado é, quase sempre, o principal elemento da ação.

Para confirmar se houve a adequada aquisição serão realizados exames, testes e tantas outras formas de averiguação. Essa visão tradicional de educação ainda está muito presente no nosso cotidiano, sendo necessária uma constante reflexão a respeito da prática educativa inerente a toda a estrutura da escola. Ter um olhar sensível direcionado ao percurso formativo de cada sujeito equalizando as idiossincrasias próprias da individualidade humana representa respeito à subjetividade do aprendente.

A educação profissional é um dos caminhos para a inserção no mercado de trabalho ou o aperfeiçoamento para os que já estão na atividade laborativa, sendo simultaneamente um catalisador de talentos e preparação profissional. Considerando os investimentos na política de expansão da educação profissional que ocorreu nos últimos anos, ampliou-se sobremodo a oferta de vagas na rede federal de educação profissional, seguindo o que está disposto no Plano Nacional da Educação - PNE (2011 a 2020).

O PNE é o plano estratégico com vinte metas para se buscar ao longo de dez anos. A meta estabelecida no número 11 é duplicar as matrículas de educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta, algumas metas especificamente dirigidas à

redução das desigualdades e à valorização da diversidade, caminhos imprescindíveis para a equidade.

Como estratégia de ampliação e captação de novas matrículas, as políticas públicas de expansão dessa modalidade de ensino contemplaram vários programas com vistas a fomentar a permanência e o êxito dos estudantes. Entretanto, a meta de expansão quando não observada com cuidado, especialmente na modalidade de ensino técnico pode desencadear algumas situações delicadas, tais como absenteísmo, abandono, retenção em componentes, dificuldades de acompanhar o curso entre outros aspectos, sobretudo ao considerar a modalidade de acesso e ingresso no Instituto Federal de Brasília, atualmente sorteio de vagas, modalidade simultaneamente inovadora na rede federal de ensino, ao oportunizar igualdade de acesso a todos, e desafiadora pois coloca sujeitos com diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem na mesma sala de aula.

Pensando nas múltiplas variáveis, alguns programas foram criados e disseminados na rede, com o objetivo de contribuir para a permanência e o êxito dos estudantes, afinal para que a educação seja concretizada como democrática não basta dá acesso é fundamental equalizar condições de conclusão. Dentre tais programas existe um que visa utilizar a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal.

Observa-se que a aprendizagem entre pares produz bons resultados, amenizando os conflitos de aprendizagem reflexos de defasagens anteriores, viabiliza a aproximação sensível e acompanhamento dos colegas com maior dificuldade, inclusive daqueles com índice de absenteísmo elevado possibilitando o resgate e intermediação para o êxito.

Ressalta-se que a aprendizagem é um fenômeno complexo, multidimensional e investido das idiossincrasias próprias do elemento humano, logo há que se considerar as variáveis inerentes ao processo de significação do conhecimento.

Por este intrincado conjunto de dimensões cruzadas sobre o processo de ensino-aprendizagem este estudo se propõe a identificar as estratégias utilizadas entre os estudantes, com seus pares, no sentido de construir uma rede de compartilhamento de saberes com o objetivo de colaborar com a permanência e o êxito.

Desse modo, analisaremos as principais variáveis relacionadas com os seguintes aspectos: a natureza dos cursos técnicos e sua estrutura curricular; ambiente escolar; o papel dos discentes em colaboração (monitores); a percepção dos discentes sobre a construção do conhecimento entre os pares. Estas questões serão observadas a partir da percepção dos

discentes em colaboração (os monitores), dos discentes regularmente matriculados e atendidos pelo discente em atividade de monitoria. A partir da análise pretende-se contribuir com pistas para a melhoria dos processos, ao nível institucional e socioeducativo, visando ampliar o atendimento de qualidade e contribuir com o sucesso escolar.

A intenção propalada de propiciar mudanças através da educação exige que se compreenda os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa, e esta não ocorre num vazio social. Em outras palavras, para que a pesquisa educacional possa ter maior impacto sobre a prática educativa ela precisa adotar um olhar ‘psicossocial’, de um lado, preenchendo o sujeito social com um mundo interior e, de outro, restituindo o sujeito individual ao mundo social (Moscovici, 1990 citado por Mazzotti, 1994: p 60)

3.2 Sobre o objetivo e a questão a ser investigada

Conforme foi explicitado ao longo deste trabalho, buscamos investigar as estratégias utilizadas pelos estudantes para facilitar os processos de ensino aprendizagem com seus pares no *campus* Brasília, dentro do recorte do programa bolsa monitoria, assim buscamos identificar as estratégias utilizadas pelos estudantes para auxiliar seus colegas.

OE1 - Analisar as contribuições da atividade entre os pares na monitoria para o processo de ensino aprendizagem;

OE2 - Investigar quais as contribuições da monitoria para a formação do estudante em colaboração (monitor) e do estudante assistido;

OE3 - Identificar, a partir da fala dos estudantes, as estratégias utilizadas para auxiliar na permanência;

OE4 - Identificar as principais dificuldades de aprendizagem dos estudantes que buscam auxílio de monitoria;

OE5- Avaliar a influência das relações interpessoais entre os envolvidos no processo de aprendizagem.

Assim, a partir dos objetivos específicos em que serão investigadas as variáveis que perpassam a atividade de compartilhamento de saberes entre pares, será possível propor intervenções para otimizar os processos encaminhando os estudantes para o melhor desenvolvimento de suas potencialidades alicerçados na promoção da autonomia.

3.3 Público-alvo

O público-alvo desta pesquisa foram os estudantes selecionados em edital para atuarem como monitores nos cursos técnicos no *campus* Brasília no período delimitado entre os anos 2017 e 2018 e os estudantes por eles assistidos.

Na estrutura interna do *campus* o processo de seleção dos monitores tem início quando a reitoria repassa o valor dos recursos destinado à assistência estudantil. A partir dessa informação a coordenação de assistência estudantil faz o planejamento, publica no sítio do instituto consulta pública para decidir a melhor forma de equalizar a distribuição dos recursos entre os programas implantados no *campus*. Realiza-se consulta aos coordenadores de curso sobre docentes interessados em orientar alunos monitores, após a manifestação de interesse do professor orientador organiza-se as informações para publicação de edital.

O edital é o instrumento que apresenta as condições e os critérios para a participação no programa, são vagas para monitoria remunerada e/ou vagas para monitoria voluntária. No ano de 2017, foram divulgadas 143 vagas para a monitoria, distribuídas entre os vários níveis de curso. Para os cursos técnicos foram reservadas 62 vagas. No ano de 2018 foram publicadas 137 vagas, distribuídas entre os vários cursos; para os cursos técnicos totalizaram 50 vagas.

A seleção dos alunos monitores ocorre seguindo as regras do edital, após a publicação: os candidatos realizam a inscrição *on line*, devem então comprovar já ter cursado ou ter conhecimentos prévios da disciplina a qual estão pleiteando uma vaga, passam por uma avaliação feita pelo professor orientador. Publica-se o resultado e são convocados os selecionados.

Considerando que é pré requisito já ter cursado a disciplina ou demonstrar conhecimento do conteúdo que será ministrado esse critério é observado na seleção dos alunos. Durante o ano são dois editais, inicialmente um mesmo aluno poderia iniciar a monitoria logo no primeiro período, comprovando conhecimentos necessários para a atividade, e permanecer através de renovação, que pode ocorrer do primeiro para o segundo período do ano, mas não para o ano seguinte, quando será necessário fazer nova inscrição e participar da seleção. Não havia óbice a participação no ano seguinte, desse modo o mesmo discente poderia ficar durante os três períodos ou até mais dependendo do tempo que tal discente levar para concluir o curso.

Foi observado então que era frequente a permanência do mesmo discente como monitor nos três períodos, monopolizando a vaga em determinados casos pois mesmo quando havia concorrentes à vaga o bom desempenho ou até mesmo o fato de ter experiência naquela atividade pontuava na seleção. Assim, detectamos a necessidade de alteração dos critérios do edital, a fim de promover maior rotatividade e consequentemente dá oportunidades para outros estudantes de realizar a atividade de monitoria. Essa foi uma das intervenções propostas pelo grupo de pedagogas e que aconteceu durante o desenvolvimento deste trabalho.

Em reuniões com o grupo de pedagogas que fazem parte do núcleo pedagógicos nas coordenações de assistência estudantil nos *campis*, junto com a coordenação de permanência e ações pedagógicas estudantis, setor estratégico na reitoria, que promoveu encontros para debater e promover a melhoria dos processos, assim foram registradas as modificações nos editais, respeitada a autonomia de cada *campus*.

No *campus* Brasília são observados os cursos com maior demanda, aquelas disciplinas com mais queixa entre os estudantes sobre as dificuldades para acompanhar o conteúdo, realizar os trabalhos escolares, interpretar as tarefas, então procura-se distribuir as vagas com base nessas informações e na disposição do docente responsável pela disciplina para realizar a orientação. O processo seletivo propriamente dito se inicia com a publicação do edital, em seguida as inscrições são realizadas, depois o professor orientador pode aplicar avaliação para verificar se o candidato apresenta os pré-requisitos para atuar como monitor auxiliando os colegas.

3.4 Plano de observação e procedimentos

De acordo com Chizzotti (2010) a ciência e as pesquisas cresceram e se desenvolveram a partir de um processo de busca metódica das explicações causais dos fatos ou da compreensão exaustiva da realidade, utilizando-se de informações colhidas com o objetivo de confirmar ou refutar a ideia que deu início a pesquisa. Desta forma, a fenomenologia

Como método de investigação, fundamenta procedimentos rigorosos de pesquisa, mostrando de que maneira tomar educação como fenômeno e chegar aos seus invariantes ou características essenciais para que as interpretações possam ser

construídas, esclarecendo o investigado e abrindo possibilidades de intervenção no campo da política educacional e da prática pedagógica (Bicudo & Cappelletti, 1999: p.12)

É uma busca sistemática e rigorosa de informações (Chizzotti, 2010: p 20), busca dar sentido a práxis ao atribuir significados a dinâmica escolar, investigando a complexidade da realidade consciente do poder dos sujeitos e dos contextos locais na mediação e ressignificação da sua própria realidade.

A fenomenologia, enquanto ciência eidética que descreve as vivências, os atos da consciência e seus correlatos intencionais, ou seja, essências da consciência, dos fenômenos em geral e, portanto, realidades do tipo não-matemático, é por natureza inexata, embora possa e deva ser rigorosa. Essa inexatidão, entretanto, não é proveniente do acaso nem duma suposta imperfeição do conhecimento, mas da natureza mesma do seu objeto (Bicudo & Cappelletti, 1999: p.55)

Para cumprir o rito da rigorosidade e conceder veracidade ao trabalho faz-se necessário sistematizar os procedimentos e técnicas utilizadas para alcançar determinado resultado.

Assim, as pesquisas de caráter social buscam compreender fenômenos psicológicos, sociológicos e educacionais, muitas vezes estabelecendo conexões entre eles, buscando compreender de que modo se relacionam. Quando dizemos que compreendemos um fenômeno, queremos dizer que conhecemos suas principais características, os seus efeitos e quais as suas possíveis relações com outros fenômenos. A compreensão de um fenômeno é sempre incompleta, parcial, é um ponto de vista e há que se considerar a multiplicidade de possibilidades de ampliar a visão desse mesmo ponto, uma vez que o nosso foco de estudo é um fenômeno social e, portanto, dinâmico, vivo, mutável.

Dessa forma, entendemos que a finalidade da pesquisa educacional é compreender a prática e o pensamento educacional contribuindo para sua melhoria continua. As características do nosso objeto de estudo confirmam a adequação do referido enfoque, buscando refletir como se estabelecem as relações de aprendizagem entre os pares, no contexto da monitoria no *campus* Brasília.

Bourdieu (1999) indica que a escolha do método não deve ser rígida mas sim rigorosa, ou seja, o pesquisador não necessita seguir um método só com rigidez, mas qualquer método ou conjunto de métodos que forem utilizados devem ser aplicados com

rigor (Quaresma, 2005: p 76), primando pelo cuidado sistemático, pois tal zelo no tratamento e registro dos procedimentos tem impacto nos resultados.

Iniciamos buscando informações sobre os processos de monitoria e simultaneamente realizamos a fundamentação teórica, os nomes dos estudantes selecionados para participar da atividade de monitoria é uma informação pública e está disponível para todos no sítio eletrônico do Instituto. Após consulta ao sítio buscamos informações junto a coordenação de assistência estudantil, é importante destacar que para ter acesso aos dados que permitem contactar os estudantes obtivemos autorização da Direção Geral do Campus, conforme anexo I. Nas primeiras análises de documentos constatamos que não havia registros formais que desse suporte a pesquisa assim abandonamos a análise documental dos formulários estabelecidos em edital.

Porquanto, a técnica utilizada foi a inquirição por entrevista. Entrevista pode ser entendida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, conduz o diálogo com o objetivo de obter informações do outro. A estratégia para formulação da entrevista *“deve levar em consideração duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretende obter e a escolha e formulação das perguntas”* (Gil, 2002: p 117).

Seguindo o cronograma proposto por Gil (2002) após a elaboração do instrumento de coleta de dados, recomenda a realização do pré-teste do instrumento, em seguida seleciona a amostra em que será aplicada e procede a coleta dos dados e posterior interpretação.

A preparação da entrevista é uma importante etapa da pesquisa, portanto exige alguns cuidados essenciais para a elaboração, desde o planejamento, a seleção da amostra dos entrevistados, a disponibilidade do entrevistado em falar sobre a temática,

as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade, e por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (Lakatos, 1999 citado por Quaresma, 2005: p 72)

Após elaborado, o instrumento foi submetido a um pré teste, que consiste na verificação da qualidade da entrevista para obtenção das informações para a pesquisa, aplicado a um dos sujeitos da amostra, assim foi possível observar a clareza e a precisão das questões, a adequação do vocabulário, se as questões prospectam respostas ricas de informações, observar também o caráter não inflexível das perguntas pois o estilo adotado

foi a entrevista semiestruturada combinando perguntas abertas e fechadas, esse modelo possibilita uma melhor amostra das informações. A qualidade das entrevistas depende muito do planejamento feito pelo entrevistador (Quaresma, 2005: p 76).

A entrevista foi estruturada em blocos para atender aos objetivos e teve início com a sua legitimação e motivação do entrevistado sobre a importância da sua contribuição, informava também os objetivos da pesquisa, o resguardo do sigilo da sua identidade enfatizando a importância das informações prestadas, o guia das entrevistas estão no apêndice 1 e 2. Pensando na fidelidade dos relatos e no registro mais detalhado possível das falas dos entrevistados a autora utilizou o recurso gravador constante no seu aparelho celular, as entrevistas foram realizadas individualmente em local apropriado no *campus* Brasília, com acústica adequada e com autorização dos responsáveis. Antes de iniciar a entrevista propriamente explicava os motivos da pesquisa e coletava autorização, também por escrito, para a gravação.

O universo já estava pré-definido por seleção realizada por edital, com 15 alunos selecionados no processo de monitoria para exercer a atividade de auxiliar o professor sobretudo com seus colegas estudantes e 10 alunos que em algum momento foram atendidos em suas necessidades por um colega no exercício da monitoria.

3.5 Modelo de análise.

A técnica de inquérito por entrevista semiestruturada foi aplicada a uma amostra estratificada. Conforme descrito anteriormente, o público entrevistado são/ou foram estudantes dos cursos técnicos selecionados por edital para participar do programa bolsa monitoria, no espaço de tempo entre os anos 2017 e 2018; estudantes atendidos pelos colegas monitores. Com essas características identificamos 118 estudantes, o plano era entrevistar cinquenta desses, entretanto alguns entraves interferiram, alguns estudantes já concluíram o curso e não se dispuseram a participar, outros tiveram dificuldades com transporte, com recurso para deslocamento. Em alguns casos dificuldades com relação ao horário, pois alguns alunos, quando não estavam no trabalho, estavam em horário de aula.

As entrevistas foram realizadas no início do período letivo, por isso muitos ainda não haviam retornado às atividades escolares ou estavam com retorno previsto para mais adiante no semestre, além daqueles que não concordam em participar. Ao longo do percurso da investigação e de construção desse trabalho limitações e percalços foram acontecendo.

Os nomes dos alunos selecionados para a monitoria ficam disponíveis ao público no site do IFB, mas para ter acesso ao contato dos estudantes solicitamos autorização da Direção Geral do Campus e a assistência estudantil forneceu os contatos (número de telefone, e-mail) dos estudantes. O contato inicial foi feito via aplicativo de conversa por aparelho de telefone móvel (WhatsApp), explicava do que se tratava e em seguida era feito o convite para participar da pesquisa, caso o estudante concordasse organizava-se o agendamento de melhor dia e horário para o encontro.

O passo seguinte, considerando que não havia registros formais dos atendimentos, era após realizar a entrevista com os discentes identificados como monitores solicitar deles a indicação daqueles que foram atendidos e assim foi acontecendo a abordagem dos entrevistados. O grupo de maior dificuldade de acesso foram os estudantes assistidos, sendo também o grupo mais resistentes em conceder entrevista.

Não foi possível fazer uma estimativa dos atendimentos, pois não existem registros oficiais ou formais que identifique o quantitativo ou as pessoas assistidas na monitoria constituindo um grande entrave para a pesquisa. Assim chamamos o número máximo de monitores, dentro do nosso limite de tempo para a conclusão dos trabalhos, e buscamos diretamente com os monitores o número de telefone dos alunos que foram auxiliados por eles.

O instrumento utilizado para coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada, com questões abertas.

Existem dois tipos de questões: as questões de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo a liberdade de expressão. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas selecciona a opção (de entre as apresentadas), que mais se adequa à sua opinião. Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, sendo este considerado misto. (Amaro & Póvoa & Macedo 2004: p.6)

Para a análise do discurso

É necessário estar aberto para captar, aproveitar um provérbio, discernir uma alusão, para reconstituir todo o sistema simbólico e ver as coisas do ponto de vista do outro, pois, na entrevista compreensiva, os valores e valorações explicitados por meio das falas dos sujeitos seriam mediadores da compreensão e explicação dos sentidos, por eles dados, à sua ação social. (Weber, 2001 citado por Fátima & Silva, 2006: p 38).

Assim está atento aos gestos, à entonação, as reticências da fala são importantes para captar a essência daquilo que o entrevistado está colocando. Segundo Bardin a análise de conteúdo das mensagens possui duas funções:

Uma função *heurística*: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumentando a propensão a descoberta. É a análise de conteúdo ‘para ver no que vai dá’

Uma função de *administração da prova*. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação. É a análise de conteúdo ‘para servir de prova’ (1977: p 30)

Assim, procedemos a análise das entrevistas.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo foi dedicado à apresentação e discussão dos dados coletados utilizando a técnica de inquérito por entrevista semiestruturada. Desse modo essa seção foi subdividida em tópicos, que se encontram relacionados diretamente com os objetivos propostos nesse trabalho de investigação.

Para cada participante, em sequência cronológica das entrevistas e por seguimento, foi atribuído um código (M1 a 15 para os monitores, E1 a 10 para os estudantes assistidos), evidenciando o cuidado com o anonimato dos participantes, preservando as identidades quando realizada a referência às falas ou citações diretas delas.

A amostra que concordou em conceder entrevista os estudantes configuram um grupo muito diversificado, temos: estudantes com defasagem de aprendizagens básicas, estudantes com mais de uma graduação, estudantes com excelente articulação social, estudantes com necessidades educacionais específicas (que apresentam algum tipo de deficiência, permanente ou transitória), estudantes de outras nacionalidades.

Do universo de quase quatro mil estudantes regularmente matriculados e frequentando o *campus* Brasília, com apenas vinte e cinco estudantes entrevistados observamos tamanha multiplicidade de sujeitos corroborando para o entendimento de que a educação é um fenômeno complexo, com muitas variáveis e a cada dia mais desafiador.

4.1 Apresentação dos resultados da entrevista

Contribuições da monitoria para o processo de ensino aprendizagem:

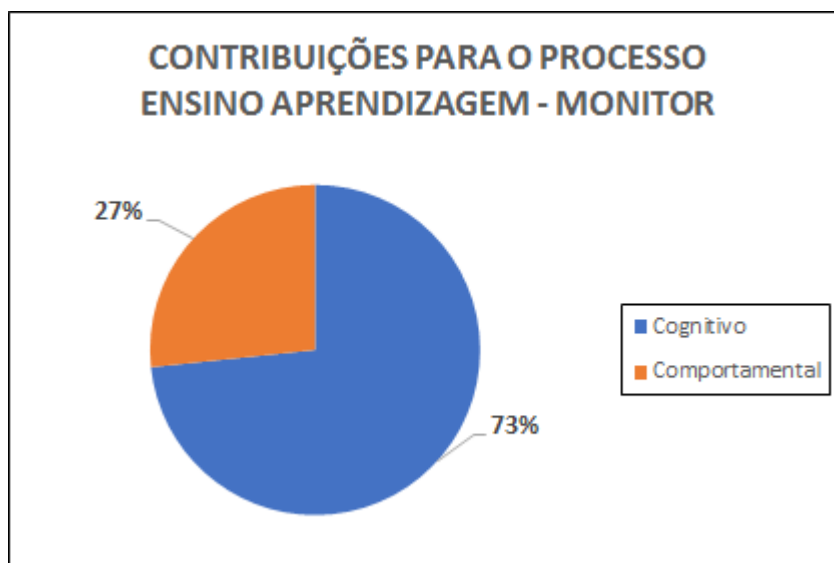
Quando nos propomos a refletir sobre os processos ensino aprendizagem é importante observar os vários questionamentos suscitados pela compreensão daquilo que pode ser definido como ensinar e aprender. Essa dinâmica demanda atenção constante, com pausas, reflexões, ajustes e novas proposições. A aprendizagem pode ser compreendida como uma atividade complexa característica da espécie humana, que está presente ao longo da vida e se processa de forma gradativa e contínua, numa constante assimilação seja por experiência, por observação, por leitura ou na troca com outras pessoas, também está permeada por pausas, conflitos, dificuldades, impulsos e superação para uma nova etapa.

Ensinar, por outra via, pode ser compreendido como a atividade de facilitar, quando um sujeito com maior repertório de saberes sobre determinado conteúdo se propõe a dar suporte para o desenvolvimento de outros sujeitos. No contexto aqui observado, da educação formal, ensinar demanda a sistematização da ação, ou seja, a delimitação de objetivos, a organização dos conteúdos, escolha de métodos e estratégias e, para além do conteúdo acadêmico, mas não menos importante, conhecimento da realidade social, do contexto em que essa ação ocorre.

No caso específico deste estudo o conhecimento da realidade social ganha especial destaque quando colocamos estudantes na situação de monitoria, ou seja, como facilitadores do processo ensino aprendizagem, nesse caso não há que se falar em rigor metodológico, mas em estratégias de diálogo e facilitação, a proposta é observar como essa dinâmica acontece. Para os sujeitos em idade adulta, as experiências anteriores podem ser suscitadas como importante ponto de ancoragem para a construção de novas aprendizagens, quando fórmulas abstratas ganham sentido concreto, quando suas motivações para a aquisição dos saberes são aproveitadas como propulsores do aprendizado. A cooperação pode então ser um importante recurso para a superação das limitações em estudantes com dificuldades.

No gráfico a seguir registramos a percepção dos estudantes monitores sobre as contribuições da monitoria para o processo ensino aprendizagem

Gráfico 1: Contribuições da monitoria para o processo ensino aprendizagem



Fonte: elaborado pela autora com base nas informações obtidas nas entrevistas

Organizamos as respostas em duas categorias: a dos aspectos positivos, subdividido em cognitivo e comportamental; a dos aspectos negativos, subdividido em imperceptível e outros. Os entrevistados observaram o impacto nos aspectos cognitivos da aprendizagem, considerado neste estudo, a grosso modo, aspectos cognitivos a elevação do conhecimento formal mensurável em avaliação para fins acadêmicos englobando também a motivação para dedicar-se aos estudos. Neste caso, 73% dos entrevistados ao fazer referência aos aspectos positivos utilizaram predominantemente as seguintes expressões: tirar dúvidas, mais conhecimento, troca de experiências e termos associadas a motivação. Libâneo nos faz lembrar os tipos de motivação na aprendizagem escolar:

A motivação é *intrínseca* quando se trata de objetivos internos, como a satisfação de necessidades orgânicas ou sociais, a curiosidade, a aspiração pelo conhecimento; é *extrínseca*, quando a ação da criança é estimulada de fora, como as exigências da escola, a expectativa de benefícios sociais que o estudo pode trazer, a estimulação da família, do professor ou dos demais colegas. Na aprendizagem escolar a motivação intrínseca, precisa ser apoiada, muito frequentemente, na motivação extrínseca, a fim de manter de pé o interesse, a atenção e o envolvimento dos alunos no trabalho docente (Libâneo, 1994: p. 88)

Embora essa questão tenha sido colocada como uma perspectiva mais abrangente, as respostas coadunam para a relação de simultaneidade do compartilhamento, ora os estudantes se referem a promoção da aprendizagem e da motivação nos colegas e ora observam o mesmo acontecendo em si. Desse modo a monitoria foi identificada como um fator de motivação ora intrínseca, ora extrínseca, ora sentem-se instigados a buscar mais conhecimento para sentirem-se capazes de realmente auxiliar os colegas, ora sentem-se incentivados pela pecúnia.

Identificou-se também a atuação do monitor como um incentivador dos seus pares quando M3 declara “eu vi muitos alunos querendo desistir do curso” então intensificava os diálogos a fim de convencer os colegas sobre a qualidade do curso, do espaço físico, dos profissionais, das possíveis recompensas que o conhecimento pode proporcionar na vida profissional

eu acho que os alunos têm mais uma oportunidade de tá revendo aquela matéria, além do professor e também tirar as dúvidas que ele não consegue tirar durante a aula (M3)

tem a possibilidade de fazer com que o aluno fique mais próximo da disciplina e que tenha menos vontade de desistir até do curso, porque às vezes tem muita dificuldade, muitos problemas em sala de aula, que é amplo demais, é muitos alunos e o professor não dá pra dá atendimento individual, e com a monitoria o aluno tem a possibilidade de ser atendido mais separado, mais atenção, então o aprendizado é muito mais rápido (M8)

Os demais 27% dos estudantes entrevistados referiram-se a aprendizados com impacto no comportamento, ou seja, refletido em ações, em atitudes do cotidiano, citando o próprio desenvolvimento nas relações interpessoais

a gente percebe que as pessoas têm muita dificuldade de tá se adaptando realmente em sala de aula, e eu conheci casos aqui no IFB que o pessoal desistiu porque não tava sentindo aquele apoio, aquele acolhimento, ele não tava conseguindo acompanhar os demais colegas em sala de aula (...) que de certa forma o aluno se sente acolhido (M4) (referindo-se ao acolhimento proporcionado por monitores)

A atividade de monitoria suscita a colaboração entre os estudantes construindo uma rede de compartilhamentos e ajuda mútua, o acolhimento ou proximidade com outro estudante mais experiente contribui para a formação do sentimento de integração, pertencimento

Com o trabalho cooperativo, da competição passa-se à cooperação, privilegiando o incentivo do grupo em vez do incentivo individual, aumenta-se o desempenho escolar, a interação dos alunos e as competências sociais (Sanches, 2005: p 134)

Se a ação visa a promoção da integração e o fortalecimento dos processos de construção de saberes, aproveitando a relação entre pares para facilitar essa dinâmica, a cooperação reforça o caráter democrático que se busca para a educação como promotora da autonomia e da participação consciente na sociedade.

Muitos estudantes dos cursos técnicos são adultos distante dos locais de aprendizagem formal há muito tempo, conforme relato de M4 em outra questão, e naturalmente apresentam maiores dificuldades de readaptação à dinâmica escolar.

Os estudantes com mais tempo distante dos locais de aprendizagem formal podem apresentar maior propensão ao abandono de curso, são geralmente estudantes trabalhadores, com muitas responsabilidades e desafios da vida adulta, estudar demanda força de vontade

ainda mais refinada nessa situação. Segundo Goleman (2014: p 90) a força de vontade nos mantém focados em nossos objetivos, retornando aos aspectos cognitivos.

Na convivência com a diversidade “*a convivência com as pessoas, você aprende muito*” (M5)

(...) eu acabei desenvolvendo algumas coisas com relação interpessoal de ter que me relacionar com pessoas muito diferentes, com níveis de aprendizagem (...) diferentes (M9)

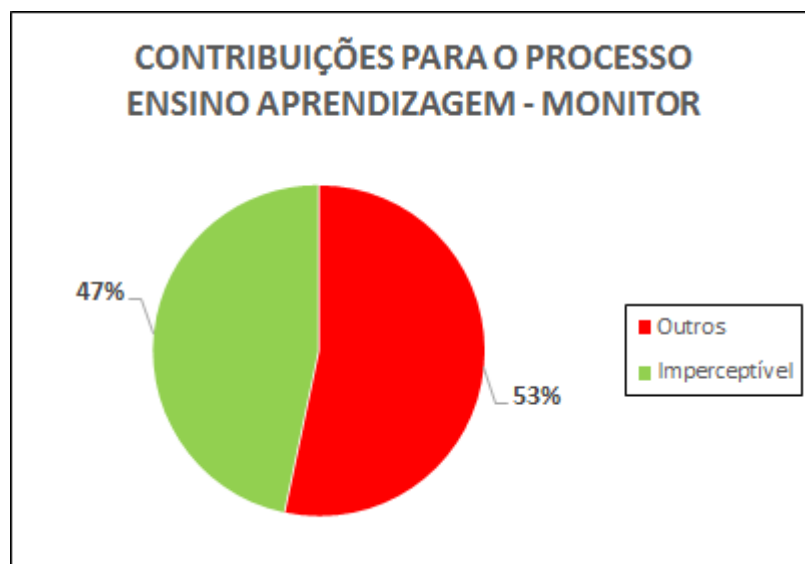
Respeito às diferenças pode ser observado, M9 descreve a evolução do desenvolvimento de empatia, auxiliando para a superação das dificuldades do outro percebeu a sua própria evolução no aprendizado de habilidades sociais. Segundo Goleman (2014: p 99) “*a preocupação empática, nos faz nos preocuparmos com a pessoa, faz com que nos mobilizemos para ajudar se for preciso*”. A educação sob a perspectiva da inclusão pressupõe a valorização de atitudes empáticas

É aprender no grupo e com o grupo, em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante. É organizar o espaço e o tempo em função das actividades para as aprendizagens a realizar. É implicar os alunos na construção dos saberes a realizar. É abrir a escola a uma socialização do saber entre professores e alunos. (Sanches, 2005: p 133)

Para se tornar uma escola efetivamente inclusiva a promoção do respeito à diversidade se fará presente em toda a dinâmica da escola, tanto no currículo formal quanto no currículo oculto, aquele permeado pelas regras não escritas, pela organização dos espaços e regras de convivência que reforçam os costumes da dinâmica própria do espaço escolar.

No gráfico a seguir registramos os aspectos negativos observados pelos estudantes monitores

Gráfico 2: Dados sobre aspectos negativos da monitoria para o processo ensino aprendizagem



Fonte: elaborado pela autora com base nas respostas das entrevistas

Dentre os entrevistados, 47% afirmaram não ter observado fatores negativos relacionados à atividade de monitoria, sendo registrado no gráfico como imperceptível. Os demais citaram elementos variados como desinteresse dos colegas em procurar o apoio dos monitores, dificuldade de conciliação de horários disponibilizados para atendimento, pouco compromisso de colegas monitores.

M2 revela compreensão da atividade desenvolvida pelo monitor destacando que seu papel é o de auxiliar tendo o cuidado de não fazer a atividade para os colegas

(...) tem aqueles que vêm só pra se aproveitar daquele momento ou então obter alguma resposta e a gente fica numa situação meio que 'eu tenho que te ajudar, mas não é essa a ajuda que eu tenho que te dar' (M2)

Outra citação diz respeito à empatia para com a atividade docente, M3 observa em sua fala as desculpas dos estudantes para o desempenho insatisfatório “*eu tirei essa nota baixa porque o professor não deu o conteúdo direito*” (M3 se referindo a fala de um dos estudantes que atendeu) em seguida explica que não é bem assim pois as atitudes daquele estudante indicavam que seus resultados insatisfatórios estavam alinhados com seus esforços, e completa afirmando:

(...) você acaba tendo um norte assim pra onde é que você vai, se você realmente quer ser professor, se você quer lidar com a parte de docência (M3)

Observando assim alguns dos desafios da docência: conciliar interesses e promover desenvolvimento.

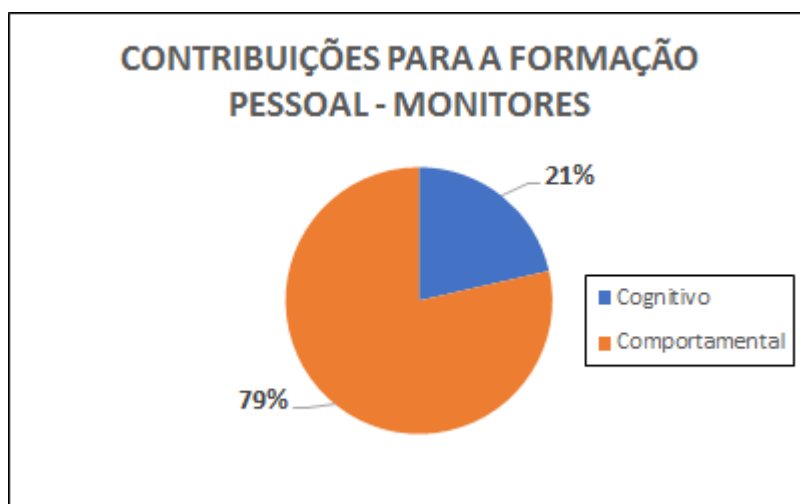
Contribuições da monitoria para a formação pessoal

A educação de adultos pressupõe observar características próprias dessa fase, dentre elas a chamada autorregulação da aprendizagem

Entende-se que os alunos autorreguladores da sua aprendizagem têm de conhecer as estratégias de aprendizagem que lhe facilitam o processo de aprender, mas também têm que querer aprender efetivamente. Assim, o papel dos educadores define-se pelo incentivo aos alunos a assumirem a responsabilidade pelo seu aprender. (Frison & Moraes, 2011: p 148)

O gráfico abaixo representa a visão dos estudantes sobre as influências do compartilhamento de saberes entre os pares quando estão atuando como sujeitos responsáveis por facilitar a atividade de ensino aprendizagem:

Gráfico 3 - Contribuições da atividade de compartilhamento de saberes entre os pares para a formação pessoal do estudante monitor



Fonte: elaborado pela autora com base nos dados obtidos em entrevistas

No grupo que identificou os aspectos cognitivos, os estudantes descreveram melhorias no seu próprio desempenho nas habilidades de leitura, escrita, concentração, oralidade, processamento de informações, memorização, melhora global de suas capacidades cognitivas. Afirmam que auxiliar os colegas coloca também a responsabilidade de estar preparado, desse modo passaram a dedicar mais tempo aos estudos e com isso

observaram evolução no seu aprendizado, 21% dos estudantes entrevistados no grupo de monitores conseguiu elaborar de maneira clara os aspectos do seu próprio desenvolvimento

ajudou bastante a questão da leitura, concentração, a oralidade, tudo isso me ajudou e outra coisa, no final das contas você vê o aluno te agradecendo porque ele passou (...) é muito bom, é gratificante você também saber que o aluno conseguiu (M3)

A autorregulação da aprendizagem exige disciplina, comprometimento, autonomia, organização e planejamento para que seja possível alcançar os objetivos propostos e assim contribuir com seus pares. Declaração de maior dedicação aos estudos, confirmam comprometimento, pois para sanar dúvidas dos colegas estudantes sentiram a necessidade de maior preparo buscando dedicar-se além do habitual, procurou outras fontes de conhecimento, aumentando a frequência à biblioteca, assistindo a videoaulas, ampliando o próprio conhecimento.

Acredito que a minha humanidade foi elevadíssima com essa experiência porque eu sempre fui uma pessoa muito cética e uma pessoa difícil de aceitação pra algumas coisas então eu tive que trabalhar isso em mim, quando eu tive que lidar com pessoas de diversas especificidades (M2) (referindo-se aos colegas com alguma deficiência declarada em laudo médico)

Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1983, p. 79).

A humanidade, observada por M2, destaca o princípio basilar da educação em Paulo Freire, a humanidade acontece nas relações e a educação só pode acontecer na troca e construção com outras pessoas, na consciência de que cooperação é uma ação de ganha-ganha, todos os envolvidos são beneficiados. Nessa perspectiva, um dos princípios da política de Assistência Estudantil do IFB:

Art. 3º

VI – fortalecimento da formação humanística no processo de aprendizagem do educando;

As dificuldades de base dos discentes com mais idade, aqueles há mais tempo fora da escola e de como o atendimento individualizado pode promover o melhor desempenho daquele estudante, observou-se que estudantes com idade mais elevada sentem-se constrangidos em fazer perguntas em sala, o contexto de maior proximidade tende a encorajar as perguntas elevando o potencial de resolução de conflitos de aprendizado

(...) eu acho que meu nervosismo, eu sou um pouco tímido, aí eu acho que o contato com as pessoas me ajudou a diminuir um pouco dessa timidez (M5)

A teoria de Henri Wallon, que compreende a timidez como uma emoção ligada ao medo que se tem diante de outras pessoas e está relacionada à sensibilidade à presença e/ou aproximação do outro (Vieira, 2007: p 39)

Vieira afirma que não é uma questão de ser tímido mas de estar tímido, retraído, pouco à vontade em determinados contextos ou situações. A convivência mais próxima com outros estudantes, a necessidade de buscar informações para auxiliar os colegas impulsionou M5 na busca por maior desenvoltura nas interações sociais.

Além da educação que se dá no interior das escolas, nos espaços produtivos, no meio social, no espaço familiar, deve ser considerada, também, a auto-educação, aquela que ocorre cotidianamente, expressa na forma de agir, de pensar, na visão de mundo (Galvão & Cifuentes, 2001: p 39)

Foram registrados relatos de aprimoramento das habilidades sociais, mudança de postura, maior envolvimento com as pessoas, maior abertura para relacionamentos interpessoais, mudança de vida estão nos relatos de M6. A troca de experiências, observou M9 também proporcionou melhoria nos relacionamentos interpessoais, afinal ter colegas com mais de 8 anos sem frequentar os bancos escolares, com modelos de ação por experiência de vida dos conteúdos porém desconhecendo a teoria, revela quão interessantes podem ser as interações, o conhecimento na prática está entendido e consolidado entretanto necessita associar à teoria.

Foi identificado a ampliação das habilidades sociais dos estudantes monitores pois em suas respostas declararam maior envolvimento nas atividades, mais dedicação e empatia com os colegas.

Em termos de efetividade, é possível atribuir competência social aos desempenhos interpessoais que atendem aos critérios de (Del Prette & Del Prette, 1999; 2005): consecução dos objetivos da interação; manutenção ou melhora da autoestima; manutenção e/ou melhora da qualidade da relação; maior equilíbrio de ganhos e perdas entre os parceiros da interação; respeito e ampliação dos direitos humanos básicos (Feitosa, 2012, p 4)

Assim, foi identificado que 79% das respostas convergiram para a melhora das atitudes e comportamento evidenciando a elevação das habilidades sociais para ambos os seguimentos, estudantes monitores e estudantes assistidos

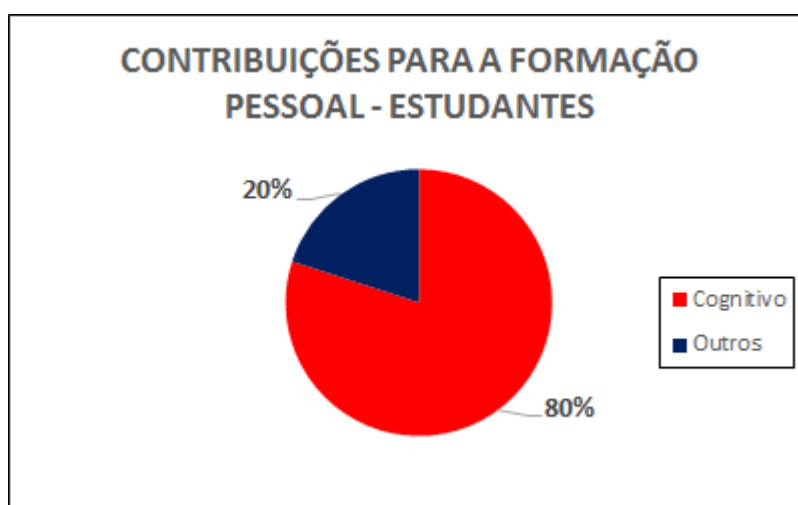
Fiquei mais sensível com o colega, de poder tá dando um pouco mais de atenção, de ouvir mais, de tentar quando ver interrogaçõeszinhas na testa tentar resolver de alguma forma, e compreensão do professor em sala também na hora de dá a disciplina, menos crítica e mais apoio (M8)

Mudou bastante na minha vida (...) fez com que eu abrisse mais a minha cabeça pra algumas questões e até na questão de me envolver mais nas coisas, me envolver com as pessoas (M6)

Além da educação que se dá no interior das escolas, nos espaços produtivos, no meio social, no espaço familiar, deve ser considerada, também, a auto-educação, aquela que ocorre cotidianamente, expressa na forma de agir, de pensar, na visão de mundo (Galvão & Cifuentes, 2001: p 39)

Esse fenômeno também foi registrado nas respostas dos estudantes atendidos “*foi muito difícil permanecer aqui, pensamos até em desistir*” (E4) referindo-se às dificuldades de integração e que o apoio dos colegas foi fundamental para a permanência. A percepção dos estudantes de que uma rede colaborativa influencia no bom desenvolvimento de todos os envolvidos, as trocas e interações promovem descobertas e sucessivo crescimento revela a consciência para a ampliação da cidadania, corroborando para a educação promotora de autonomia segundo os princípios de Paulo Freire.

Gráfico 4: Contribuição da troca de saberes entre os pares para a formação do estudante assistido



Fonte: elaborado pela autora com base nas entrevistas

O gráfico 4 mostra a predominância da relevância dos aspectos cognitivos para os estudantes assistidos, consideram que obter resultados positivos nas avaliações é o objetivo principal de buscar apoio na monitoria, assim os termos mais citados nas entrevistas foram superar dificuldades e tirar dúvidas.

Na escola, os alunos precisam valorizar a qualidade dos trabalhos, a alta performance, e até notas altas. Caso esses efeitos finais não tenham nenhum sentido para eles, de nada adianta para a motivação eles acreditarem em suas capacidades. (Bzuneck, 2009, p 131)

Garantir bons resultados é uma motivação válida pois estimula a superação de conflitos de aprendizagem.

Tirar dúvidas, porque quando tá na sala de aula com o professor o aluno ele tem vergonha de perguntar, só ele e o monitor é bem mais fácil essa relação de tirar dúvidas (E2)

Dois sentimentos estão ligados à timidez: o embaraço e a vergonha; ambos estão ligados ao mundo social e são desencadeados na aproximação ou presença do outro (Vieira, 2017: p 49)

A fala de E2 evidência um dos elementos da composição das habilidades sociais, a articulação de perguntas, sentir vergonha de perguntar representa uma obstrução para o avanço do desenvolvimento cognitivo pois atrapalha a aquisição de novos conhecimentos, deste modo o estudante tem a sua evolução retardada por um sentimento pessoal que não foi plenamente desenvolvido.

O conhecimento convertido em atitudes ou habilidades sociais tem influência nas relações sociais no contexto geral com a comunidade acadêmica impactando na aquisição dos conhecimentos cognitivos, aqueles com valor mensurável em avaliações formais,

Del Prette e Del Prette (1999; 2001; 2003a; 2003b) expõem duas possíveis explicações para a associação entre déficits de habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem: 1) déficits no repertório de habilidades sociais levariam a dificuldades de aprendizagem porque prejudicariam a qualidade da relação com colegas de classe e professores, reduzindo o acesso à informação e à construção social de conhecimentos; 2) dificuldades de aprendizagem e/ou baixa competência social gerariam percepções e emoções negativas no aluno que, por sua vez, afetariam a motivação para o envolvimento na tarefa e funções cognitivas importantes para a apreensão dos conteúdos e a construção social de conhecimentos (Feitosa, 2012: p 8)

As relações sociais desempenham papel relevante no desenvolvimento dos conhecimentos valorizados em provas e atividades. Entretanto, para os estudantes assistidos tais habilidades são citadas em menor escala, eles ainda não reconhecem o apoio dos colegas

monitores como uma estratégia para incentivar e promover o desenvolvimento de conhecimentos articuladores de ações na busca de consolidação de saberes ou apropriação de novos. Eles ainda mantêm o foco na superação das dificuldades cognitivas, prevalecendo o preparo para as atividades com valor mensurável em notas

Esclarece muitas coisas (...) pontua sempre as coisas importantes para a uma avaliação (E1)

Consegui aprofundar mais até que com a professora, conseguiu me dá explicação mais profundas e ao mesmo tempo mais simples, deu pra entender muito melhor assim (E6)

Deste modo os estudantes monitores confirmam maior procura às vésperas das avaliações, ficando com a difícil missão de resolver dúvidas arrastadas durante o período. Essa constatação permite identificar nos estudantes com dificuldades a cultura do estudo pela nota, dedicação o suficiente para alcançar as notas, memorização para as avaliações

Para além de reter a informação, ele precisa compreendê-la, ou seja, atribuir um sentido pessoal a ela, porque é através disso que será capaz de não só, guardar o conhecimento e aplicá-lo em longo prazo, como também, se transformar, no sentido de conhecer a si próprio permanentemente como sujeito corresponsável pelas suas aprendizagens e susceptível às transformações que elas provocam, sejam comportamentais, cognitivas ou afetivas (Lima Freire, 2009: p 277)

Ressignificar o conhecimento dando um sentido próprio, a memorização é importante, mas não o principal recurso para o aprimoramento da aprendizagem. Está posta a necessidade de ampliar a compreensão da existência de outros aspectos envolvidos na relação de monitoria.

Conforme registrado no gráfico n.4, 80% dos estudantes assistidos observam suas dificuldades de aprendizagem predominantemente no aspecto mensurável em avaliações, mesmo os 20% que citaram termos como vergonha de perguntar ou para sentir-se mais confiante levaram em consideração a realização das avaliações, assim foi possível perceber diferenciação na valorização de progresso no aprendizado entre os dois seguimentos, estudantes monitores e os estudantes assistidos.

Contribuição da atividade de compartilhamento de saberes entre os pares para a superação das dificuldades de aprendizagem

Corroborando com a predominância da valorização do conhecimento que pode ser mensurável em nota, o registro de procura em virtude da aproximação do período de

avaliação é o mais recorrente “*dúvidas que a gente tinha e tava próximo da prova, ajudou bastante*” (E2)

Vai ter isso na prova, aí eu falei olha não tô entendendo, ela dava o exemplo, ela explicava muito [...] ela passava o conteúdo e passava atividades na sala (E3)

Foi identificado o atendimento a pessoas com necessidades específicas (falhas no processamento auditivo, falhas na percepção visual, falhas no desenvolvimento psicomotor, falhas na motricidade, síndromes relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, limitações no desenvolvimento global, entre outras), nesses casos os estudantes monitores relataram desafios na convivência, dificuldades de adaptação ao diferente, por outro lado estudante com necessidades específicas registram a importância de sentirem-se acolhidos, sentirem-se integrados ao receber auxílio e interagir com os monitores pois muitas vezes sentem-se ignorados por alguns colegas de classe.

A mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidades de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, religião, deficiência mental, psicológica ou física (Sanches, 2005: p 12)

O atendimento dos monitores, não sana as deficiências de atendimento especializado para os estudantes com necessidades específicas, mas auxilia no sentido de proporcionar o mínimo acolhimento, expectativa de melhoria no futuro, abre caminho para formar-se conhecimento sobre melhores condições para os sujeitos que são ou estão em situação de necessidades especiais. A educação inclusiva vem avançando nas escolas regulares entretanto ainda constitui um desafio promover a integração de forma respeitosa.

Tem o horário que o professor tem pra atendimento ao aluno mas as vezes não bate com seus horários porque você trabalha e estuda e tem outros compromissos, então ter aquela pessoas que você fala ‘poxa, amanhã de manhã você pode me atender?’ e ela falar ‘pode’ é muito bom porque você se sente assistido intelectualmente (E5) (sobre a disponibilidade do monitor)

Sempre vai ter em qualquer turma de qualquer curso, sempre tem aquele que ele é mais autodidata, que ele tem mais percepção, ele tem um raciocínio mais rápido, ele consegue captar melhor o conteúdo, e sempre nesse que a gente tem que tá colando, com certeza ele contribui, ele ajuda (E9) (referindo-se ao colega designado para auxiliar no compartilhamento de saberes)

Exemplos exitosos e estratégias de intervenção para permanência

Alguns dos registros de casos em que a intervenção do monitor auxiliou para a permanência e o êxito dos estudantes. Caso de estudante que a mãe foi vítima de violência contra a mulher e o apoio sistemático, com dedicação e envolvimento da colega atuando como monitora impediu a estudante de abandonar o curso, em vários momentos a estudante pensou em desistir, com um número acentuado de faltas inclusive, mas com o devido apoio conseguiu manter-se e concluir o curso.

Caso de estudante com transtorno global do desenvolvimento que com a assistência de estudante mais hábil conseguiu realizar tarefa específica e se desenvolver dentro da sua limitação alcançando o resultado que surpreendeu.

Predominaram os casos em que as palavras de incentivo, exortação para prosseguir no curso.

Eu dizia trancar vale a pena? E você vai ficar em casa pra não fazer nada, é melhor você vir pra cá que você conhece as pessoas, você pode se movimentar, porque assim eu acho também que quem faz o universo que você tá é bem você, você não pode ficar esperando que as pessoas façam o universo que você quer participar, você tem que ser agente desse universo (M3)

Caso de aluna com muita dificuldade em determinado conteúdo e a intervenção inicial foi trabalhar para a superação do bloqueio quanto àquele conteúdo “*olha não fala pra você que [...] é difícil, porque se você ficar falando você vai internalizar isso e você não vai conseguir e com a gente vai conseguir, e ela acabou passando na matéria*” (M9).

Desde o início da escolarização cada sujeito vai construindo para si a identidade do local formalmente determinado para disseminação do saber, a instituição de ensino pode se configurar como um local de conquistas ou por outro viés um espaço de temores, limitações por vezes até inconscientes. As crenças internas relacionadas ao ensino aprendizagem têm reflexo no desempenho acadêmico, a identificação com sua capacidade de realizar determinadas tarefas com grau satisfatório denominado de auto eficácia:

Tais crenças influenciam as aspirações e o envolvimento com metas estabelecidas, o nível de motivação, a perseverança face às dificuldades, a resiliência às adversidades, relacionando-se com a qualidade de pensamento analítico, a atribuição causal para sucesso e fracasso e a vulnerabilidade para o estresse e depressão (Medeiros, 2000; p 328)

Muitos estudantes apresentam dificuldades relacionadas às crenças sobre o seu potencial, a intervenção de M9 pelo seu relato foi nessa direção, de desconstruir o bloqueio para o conteúdo a ser estudado.

Os estudantes monitores procuram estratégias para facilitar o próprio aprendizado e posteriormente compartilham essas metodologias com seus pares, as mídias sociais têm se mostrado um importante recurso na hora de facilitar a comunicação e compartilhamento de materiais, atividades *on line* são disponibilizadas por meio de aplicativo móvel e grupos de discussão se formam com muita facilidade, inclusive com mais facilidade que as interações interpessoais no ambiente do *campus*. As mídias sociais, os aplicativos de aparelho móvel para interações sociais são uma realidade presente no nosso cotidiano está atento as possibilidades e aproveitar de forma eficaz, como um recurso ágil e eficiente, esse espaço de interação pode ser uma interessante estratégia de aproximação e até controle.

No início desse estudo ao analisar os documentos preenchidos pelos estudantes monitores para fins de registro junto a assistência estudantil foi constatado casos de atendimento predominantemente por aplicativo de aparelho móvel configurando atendimento a distância, tal atitude não invalida o atendimento entretanto perde um pouco da riqueza do convívio e da partilha com interpessoalidade.

Sob a influência das bases tecnológicas foi registrado o exemplo de monitora no estilo *youtuber*, bem enérgica, muito divertida e carismática fazendo explicação passo-a-passo, com performance dinâmica, para aqueles mais adiantados era interessante e atraente porém os mais lentos não conseguiam acompanhar, assim os próprios estudantes observaram a necessidade de adequação. De outro lado, outra colega monitora foi descrita como mais lenta, fator marcante em sua atuação, estilos diferentes de ensinar mas ambos alcançaram o objetivo, foram elogiados pelos discentes. O monitor às vezes é mais objetivo que o professor e indica logo melhor caminho para chegar ao destino.

Exemplo de estudante com necessidade específica, esclarece qual a melhor metodologia para auxiliá-lo

“a boa dicção, uma vírgula faz a diferença numa frase [...], então muda todo o sistema, então falar pausadamente, repetir quantas vezes a gente quer saber, porque exige uma certa paciência [...] chega um momento que são muitas informações, então requer paciência, empatia, amor (E4)

Foi identificada a estratégia de utilizar provas anteriores da disciplina como amostra para favorecer o entendimento e exemplificar a metodologia, forma de questionamento utilizado pelo docente daquele conteúdo. A monitora destacou que o estilo das questões permanece, sendo o estilo próprio daquele professor.

É como se fosse a mesma linguagem, com mais simplicidade e também através de exemplos reais assim pros alunos, é como se a pessoa ficasse confortável naquela situação e o aprendizado facilitou (E7)

Um dos principais objetivos de se colocar estudantes como colaboradores visa proporcionar situações de paridade visando oportunizar momentos de interação mais leves, quando estudantes mais tímidos, com menor desenvoltura para abordar o professor possam sentir-se confortáveis para sanar dúvidas, fazer questionamentos, pedir apoio para assim alavancar o próprio aprendizado.

Principais dificuldades de aprendizagem observadas

O elemento administração do tempo foi bem pontuado, estudantes trabalhadores apresentam dificuldade em organizar a rotina para encaixar o atendimento da monitoria, para realizar os trabalhos; muitos estudantes apresentam falhas na educação de base, com lacunas em conhecimentos básicos do chamado ensino fundamental.

Observou-se nos monitores a distinção entre auxiliar e fazer a tarefa para o discente, mesmo os que apresentam maiores limitações, inclusive físicas, registrou-se a atitude de proporcionar os meios para facilitar a execução da tarefa. M2 descreveu que alguns estudantes pediam as respostas prontas, sem esforço, por desconhecer a real atividade de monitoria, ou seja, *“não sabendo que a gente tava ali pra auxiliar e não pra deixar eles mais dependentes da gente”* (M2). Outro relato cita a convivência entre estudante que sabe a matéria de forma prática no seu cotidiano mas não consegue interpretar o pedido formal realizado nas provas, não conseguia interpretar o enunciado da questão e consequentemente não alcançava bom desempenho mesmo tendo domínio daquele assunto em sua vida prática, ou seja, conhece a matemática da vida mas não da formalidade, da escola.

Muitos estudantes com dificuldades se sentem constrangidos em fazer perguntas em sala de aula, são tímidos, sentem vergonha de desconhecerem aquele assunto e isso se torna um impeditivo ao seu avanço visto que saem da aula cheios de dúvidas, mesmo sendo adultos com experiência de vida, às vezes maiores de quarenta anos, *“eu acho que como vê que a*

gente tá do mesmo lado, somos todos alunos e eles falam ‘ah não vai achar minha pergunta idiota, não vai achar que eu sou burro né porque ela também é aluna’” (M8), a comunicação respeitosa é uma importante habilidade, conseguir expor as dúvidas, fazer questionamentos pode constituir o marco para o desenvolvimento.

No contexto acadêmico, um aluno motiva-se a envolver-se nas atividades de aprendizagem caso acredite que, com seus conhecimentos, talentos e habilidades, poderá adquirir novos conhecimentos, dominar um conteúdo, melhorar suas habilidades etc. (Bzuneck, 2009, p 121)

Fazer a ponte entre professor e estudante, incentivar a participação na sala de aula, ouvir os estudantes e motivá-los a superar as limitações são algumas das atividades descritas pelos monitores.

Relacionamentos entre os envolvidos no processo de aprendizagem entre pares - monitoria

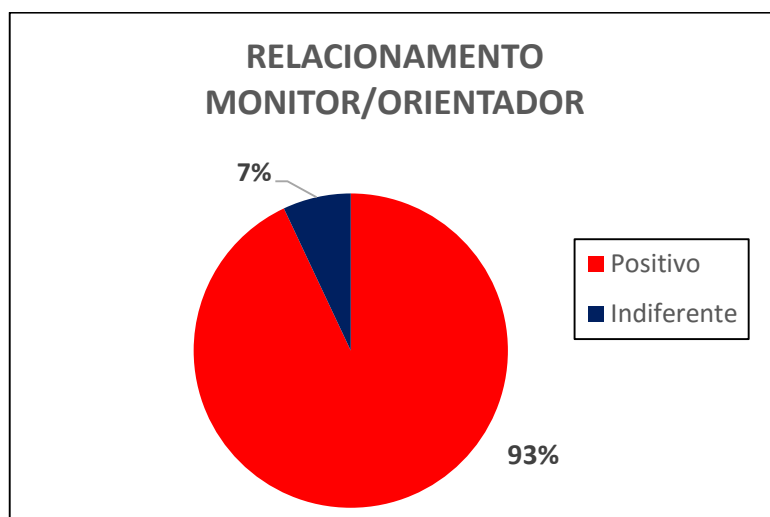
Observou-se nos relatos a predominância das boas relações, os estudantes com necessidades específicas que foram atendidos por monitores registraram sentir-se acolhidos e respeitados pelos colegas, com mais afinidades com alguns e menos com outros, natural do convívio com a diversidade.

A interação entre os professores, seja no ambiente escolar, buscando-se a troca de experiências ou a ajuda mútua, seja eventualmente em outros ambientes sociais, cria oportunidades para o desenvolvimento de relações que podem ter enorme impacto institucional, já que formariam a base para uma maneira colegiada de solução de problemas institucionais. É claro, entretanto, que essas relações não podem ser decididas ou impostas, mas crescem quando as condições corretas são estabelecidas. O ideal é a escola constituir-se como uma comunidade em que haja o sentimento de unidade, em que se busque o consenso na solução de conflitos e amplas oportunidades para trocas intelectuais. (Soares, 2004: p 91)

Registrou-se relato de professor comprometido com o planejamento do estudante monitor, enviando e-mails com o conteúdo da aula como incentivo à antecipação dos estudos e organização da atividade de monitoria, sugerindo quais conteúdos abordar e formas de favorecer os diálogos; registro de docente indicando também os estudantes com mais dificuldades e incentivando a monitora a ir procurá-los.

O efeito de uma escola no aprendizado de seus alunos é em grande parte determinado pelo professor, por seus conhecimentos, seu envolvimento e sua maneira de conduzir as atividades da sala de aula. (Soares, 2004: p 91)

Gráfico 5: Sobre os relacionamentos entre estudante monitor e orientador



Fonte: elaborado pela autora com base nas entrevistas

Incentivo do docente para o monitor buscar novidades para o conteúdo instigando a curiosidade da estudante, entretanto “*eu acho que seria uma abordagem dele, como professor*” (M3), inicialmente contrária à solicitação do docente, entretanto confessa que a estratégia foi eficaz pois a monitora declarou sentir-se desafiada pela situação resultando em maior aprimoramento do seu aprendizado, assim em 93% das entrevistas os estudantes declararam como positivas as demandas e orientações. Alguns docentes indicavam os estudantes com notas baixas e “*estimulava a procurar os alunos, não só esperar os alunos virem até mim, então era muito positiva essa questão dele disponibilizar, me estimular a ir atrás dos alunos*” (M8).

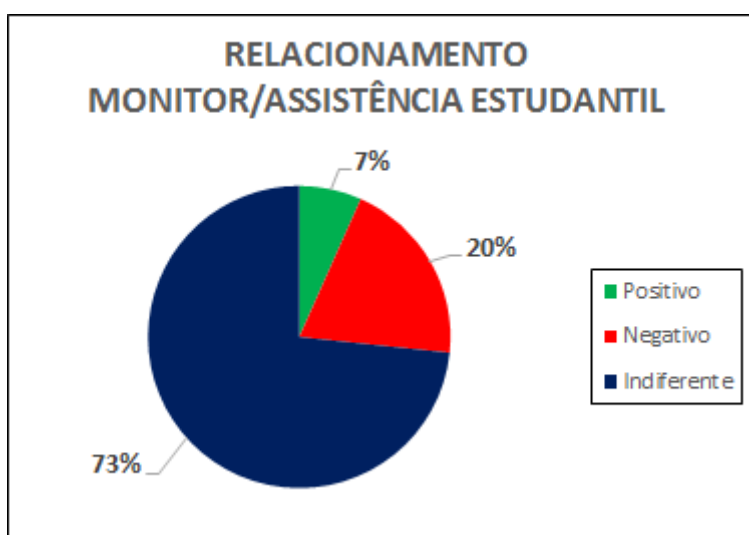
Muito boa a relação com o orientador, ele foi solícito, disponível nos horários combinados entretanto era focado nos exercícios que valiam nota “será que realmente o aluno, ele precisa tirar o ponto ou ele precisa sanar dúvidas? A monitoria é pra quê?”(M9)

Entretanto, se o sistema educacional brasileiro é balizado em uma escala de valores de desempenho, no *locus* deste estudo é representado em notas, desta feita ganha relevância as atividades elaboradas com objetivo de mensurar. Desse ângulo conjugar os esforços para impulsionar a melhoria do desempenho é também um dos objetivos da ação entre os pares, se o estudante consegue resolver o exercício proposto o processo de elucidação das dúvidas também vai acontecendo, a interação no ato de elucidar dúvidas também contribui para o desenvolvimento de outras habilidades, tais habilidades talvez nem constem no currículo

formal mas são tão importantes quanto aquelas que podem ser mensuradas em notas para o histórico acadêmico do estudante.

A professora indicava os estudantes com índice acadêmico insatisfatório incentivando a monitora a ir ao encontro destes estudantes, por outro lado com a equipe pedagógica na assistência estudantil a relação é fria, foi identificado a relação administrativa de entrega de documentos, não há troca de saberes ou direcionamento, em outro relato a monitora demonstrou desconforto ao falar de tal relação “*eu sentia um pouco de hostilidade lá, eu particularmente não gostava de ir lá*” (M4), outro entrevistado afirmou não ter procurado a assistência estudantil em nenhum momento durante sua monitoria. O gráfico n.6 apresenta a análise das entrevistas, 73% dos estudantes são indiferentes a relação com assistência estudantil, predominando, na visão dos estudantes, as questões administrativas com o setor.

Gráfico 6: Dados do relacionamento entre estudantes monitores e assistência estudantil



Fonte: elaborado pela autora com base nas entrevistas

Foi identificado nas declarações dos estudantes assistidos pela monitoria apenas aspectos positivos na interação com os colegas monitores. Em alguns casos no contexto geral dentro da turma há algumas situações que merecem ser observadas com mais cautela

nós só permanecemos em sala de aula porque alguns colegas ajudam, se interessam mas o importante seria toda a turma, mas infelizmente tem pessoas que entram no primeiro dia de aula e sai no último dia sem dá um bom dia, a gente não conhece nem sabe quem é, porque não se identificam, não se relacionam, claro é como te

falo, a gente tem que saber respeitar esse lado, mas seria bom a pessoa nos tempos atuais trabalhar esse lado (E4) (se refere ao lado das relações interpessoais, desenvolver empatia)

Eu percebo que tem turmas que as pessoas são extremamente egoísta, que eu até me assustei porque eu já sou formada [...] e quando eu vim pra cá parecia que era uma competição dentro da sala e eu me assustei [...] parece que aqui já é a competição pro mercado de trabalho, começa aqui dentro. Foi absurdo, absurdo (E6)

Foi identificado um contexto de relações interpessoais com acentuados aspectos de competitividade, tal situação merece atenção especial dos docentes, bem como da equipe técnica, visto que salas colaborativas são mais propensas a promoção do bom desenvolvimento e sucesso escolar dos estudantes. Em sala também aconteciam trocas, mas é bem menos “*alguns se isolavam né, eram mais fechados, mas grande parte compartilhava*” (E9). A relação com os colegas monitores obteve registro de satisfação.

O processo educativo está permeado por aspectos cognitivos, sociais e ambientais, o cruzamento das informações nessas três dimensões influencia no desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito, as habilidades sociais impactam no desempenho acadêmico, nos locais de trabalho, nos espaços de lazer, na vida privada e na coletividade, portanto a escola é o local privilegiado para facilitar o aprimoramento de tais habilidades.

5. EDUCAÇÃO SOCIAL E PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A parceria entre o Instituto Federal de Brasília e o Instituto Politécnico de Santarém oportunizou o acesso à qualificação ao nível de Mestrado em Educação Social a aproximadamente 50 servidores - entre docentes e técnicos educacionais - que já se formaram ou estão em vias de concluir a formação. Equacionando de forma equilibrada seria aproximadamente quatro educadores sociais, em alguns casos mais de quatro, para cada *Campi* e a Reitoria, um número significativo. A atual conjuntura da sociedade com demandas de qualificação profissional e

a complexificação das sociedades exigiam uma ruptura com os processos assistenciais da intervenção, baseada no emergencialismo e na caridade e consequente adoção de novas formas de trabalho social, mais direcionadas para uma vertente pedagógico e social, que privilegiassem a promoção da autonomia e a solidariedade. (Azevedo & Correia, 2013: p 2)

Considerando o contexto da educação profissional e o caráter dinâmico das relações em espaços de formação, a atuação dos educadores sociais solicita articulação entre os profissionais da área, compromisso com a ética e a cidadania, promoção da autonomia e cooperação com os demais profissionais envolvidos nos processos formativos, articulação com os anseios da comunidade, conhecimento do contexto social e disposição para superar os desafios dessa profissão.

assistimos assim, à emergência de um paradigma de Aprendizagem ao Longo da Vida, fazendo apelo a nossas teorias e modelos de educação e formação, como a educação e a pedagogia social, nas quais se destaca a importância das aprendizagens realizadas a partir da experiência de vida (englobando a esfera pessoal, profissional, social) [...] tornou-se crucial desenvolver novas metodologias de intervenção como crescimento completo de cada pessoa e ‘membro estratégico’ de uma solidariedade, mas também pela desigualdade e marginalização social provocadas pelo risco social. (Azevedo & Correia, 2013: p 3)

As áreas de atuação do educador social perpassam por todas as fases da vida humana, desde a infância, juventude, adulto, senilidade, nos mais variados espaços, na educação escolar, justiça, saúde, reeducação, sendo mediador privilegiado em assuntos que interessam ao coletivo. Atua no terreno como autor/ator de estratégias contextualizadas, criando pontes socioeducativas que, com o apoio da teoria e da prática, o levam a gerir as problemáticas sociais da realidade em que intervém (Mateus, 2012: p 61).

A sua intervenção acontece num espaço pedagógico subjetivo que o compromete com a promoção da cidadania e se pauta por valores éticos, enfrentando situações

profissionais de conflito ou de dilema, sempre analisados numa atitude reflexiva. (Mateus, 2012: p 62)

Trabalhar para a promoção do desenvolvimento dos sujeitos em uma visão holística, para o fortalecimento do exercício da cidadania, para o aprimoramento das habilidades sociais como aparato para a superação de limitações e conflitos, promover a autonomia e a valorização do sujeito enquanto protagonista e autor da sua história, respeitando os anseios e esforços para a consecução dos seus objetivos, são os desafios postos a atuação como agente da educação social, e tudo isso não pode ser desvinculado da trajetória de vida do agente que se propõe a contribuir para o desenvolvimento das potencialidades de outros sujeitos ou de uma coletividade.

Autoconhecimento é, portanto, uma habilidade importante para quem se propõe a trabalhar na promoção do desenvolvimento de outros sujeitos, bem como resiliência, capacidade de autogestão, ética, respeito ao sigilo e a preservação da vida privada daqueles que procuram os seus serviços.

Para Carvalho e Baptista (2004) a atuação do educador social só será viável se, em liberdade e com responsabilidade, interventivo e reflexivo, conseguir pôr em prática o círculo virtuoso ação- reflexão, reflexão-ação, na medida em que consegue a mobilização das capacidades de decisão, de enfrentar riscos, de avaliar, de agir e escutar, sem privilegiar qualquer procedimento em detrimento de outro (Mateus, 2012: p. 67)

Numa sociedade tecnológica, com apelo à disseminação acelerada das informações, educação e trabalho se interconectam, indo de encontro ao proposto por Jacques Delors, no relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, quando elencou quatro pilares para a educação ao longo da vida dos sujeitos:

(...) aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. (1999, p. 90)

No contexto deste trabalho compartilhar saberes é também uma ação de autovalorização, que bem acompanhada e orientada possibilitará maior envolvimento com os pares, promovendo autonomia e responsabilidade social num espaço de colaboração para o crescimento de todos. Promover ação-reflexão-ação com base nos quatro pilares, utilizando estratégias plausíveis e os recursos disponíveis fazem parte da atuação em educação social, pautada no respeito pelo outro, nas suas escolhas e interesses. Sob essa

perspectiva a proposta de intervenção parte das observações realizadas pelos estudantes quanto ao objeto de estudo desta pesquisa.

Considerando que a proposta de intervenção deve contemplar sujeitos ou uma coletividade identificados socialmente com necessidade de uma ajuda especial, lembrando que as políticas de promoção à permanência e ao êxito estão postas e constituem um importante instrumento com recursos humanos e materiais, inclusive financeiros, avaliar e propor correções nas curvas pode ser uma importante contribuição para o melhor uso dos recursos. O *Campus* Brasília conta com aparato profissional de alta qualidade podendo melhor aproveitar as soluções que muitas vezes já estão no próprio espaço, porém ainda não ganharam visibilidade. Assim, recorreremos às sugestões dos estudantes:

Tabela 1. Sugestões de melhoria para o programa bolsa monitoria

Sugestões de melhoria para o programa bolsa monitoria	
Sugestões	Entrevistados
Reunião, palestra de orientação no início	M1, M6, M8, M11, M12, M15, E2
Pontualidade no pagamento	M2
Maior apoio da equipe pedagógica	M3, M14
Divulgação dos horários e local de atendimento	M3, M4, M5, M6, M12, E5, E6, E9
Flexibilidade de horários de atendimento	M7, E4, E5, E9
Feedback dos alunos atendidos	M9, E8
Melhorar a comunicação, divulgação das informações	M10, E4
Mais demanda de trabalho por parte do professor	M13
Empatia dos monitores	E1
Controle de frequência dos atendidos	E8
Sem sugestão	E3, E7, E10

Fonte: elaborado pela autora com base nas entrevistas

Para além das proposições feitas pelos estudantes e distribuídas na tabela 1, os educadores sociais estão habilitados à contribuir na articulação das equipes, na orientação dos estudantes monitores bem como dos estudantes assistidos, na elaboração de propostas de intervenção e projetos, no estudo de viabilidade das políticas de assistência ao estudante, para ministrar as palestras orientativas, elaborar projetos e orientar equipes para a execução. Conhecendo a multiplicidade de papéis inerentes a educação social pressupõe assumir a

responsabilidade de atualização constante, mantendo atitude de análise crítica e reflexiva permanente contribuindo também para a construção de uma identidade profissional, que segundo Gerson, 2009 é

um processo de produção de novas relações sociais, o enfrentamento das adversidades, o desenvolvimento de competências e habilidades específicas para o exercício da prática, contribuindo, dessa maneira, para construção de novos saberes. Implica, ainda, considerando o exercício da prática como uma das formas de relação do sujeito com o meio no qual está inserido e no qual intervém, o olhar do outro, o julgamento do outro e a clareza de que o que se busca é o reconhecimento pelo seu fazer e não pelo seu ser (Mateus, 2012: p 68).

Assim, o exercício equilibrada das habilidades comunicativas e o respeito a construção de bases de cooperação com os demais profissionais da educação social agregam valor ao exercício da profissão retornando para a sociedade, em suaves parcelas, as contribuições para equalizar os benefícios do acesso ao saber.

Consideramos aqui a exequibilidade da proposta, os recursos humanos e as peculiaridades do *Campus* Brasília, a proposta para esse caso específico está dividida em cinco etapas que sucedem a seleção:

1. Reuniões de orientação aos selecionados:
 - a) Com o envolvimento da equipe multiprofissional, psicologia, pedagogia e assistência social, realizar palestras de orientação destacando as principais habilidades desejáveis ao estudante monitor, indicar estratégias de diálogo, instruir sobre casos que necessitam de intervenção profissional e como encaminhá-los; apresentar os espaços do *campus* disponíveis para a atividade de monitoria; orientar sobre o uso dos laboratórios e espaços coletivos; demais orientações pertinentes.
 - b) Propor cronograma de atividades e encontros para troca de experiências em pequenos grupos;
 - c) Iniciar a elaboração de memorial de índices para avaliação dos resultados do programa, resultado ao final de cada período em dados estatísticos de atendimento e satisfação do estudante assistido.
2. Divulgação, em local visível e de fácil acesso, da agenda de estudantes monitores, locais e horários de atendimento;
3. Acompanhamento sistemático:
 - a) Avaliação Diagnóstica - para conhecer a realidade dos estudantes, uma aproximação sensível, considerando que as habilidades cognitivas de domínio do

conteúdo já foram verificadas como pré-requisito para a seleção, esta avaliação priorizará a análise das habilidades sociais requeridas para o desenvolvimento da atividade de auxiliar os pares;

b) Avaliação Formativa - de acompanhamento, observando os avanços, a existência de necessidade de apoio mais sistemático, para troca de experiência entre os estudantes monitores

c) Avaliação Final - *feedback* de todo o processo, para os estudantes atuantes e para os assistidos, análise para correções e ajustes, compartilhamento de experiências exitosas.

4. Acompanhamento dos estudantes assistidos como estratégia de aproximação e motivação, uma vez que muitos relataram que o acolhimento constitui o diferencial para a permanência.
5. A partir do acompanhamento aproximado desenvolver formulário de avaliação para o estudante assistido como *feedback* dos atendimentos.

Para a efetivação da proposta há que se observar a necessidade de ampliação da equipe multiprofissional especializada da assistência estudantil, para que os trâmites administrativos não sejam priorizados em detrimento do trabalho de acompanhamento direto ao estudante. A nomeação de servidores administrativos para a composição da equipe a fim de desafogar os profissionais especializados - psicólogas, pedagogas e assistentes sociais - ficando estes com maior dedicação ao atendimento direto ao estudante, enquanto auxiliares administrativos ficariam responsáveis pelos trâmites burocráticos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar as estratégias utilizadas entre os estudantes para facilitar os processos de aprendizagem nos cursos técnicos no contexto da monitoria. Assim, explorou-se, historicamente, o contexto da educação profissional de nível técnico no Brasil, a forte influência do modelo capitalista, a marcação dos aspectos sociais dessa conjuntura, os aspectos da aprendizagem promovidos na socialização, a aprendizagem mediada entre pares.

Com o suporte teórico, foi realizada entrevista semiestruturada com estudantes dos cursos técnicos do *Campus* Brasília que participaram do programa nomeado bolsa monitoria no lapso temporal compreendido entre os anos 2017 e 2018. Os dados levantados permitem afirmar que a dinâmica entre os pares oportunizou aprendizagem colaborativa, autorregulada, empoderamento dos sujeitos na construção das relações, autonomia, motivação, corroborando para uma educação promotora de autonomia, reciprocidade entre as pessoas, cooperação.

Os sujeitos da pesquisa se declaram mais envolvidos nos processos de aprendizagem, identificaram-se coautores da sua aprendizagem, mais hábeis nas relações interpessoais, na organização do próprio processo de aprendizagem. O encontro de diferentes realidades sociais se entrecruzando promoveu a conscientização das transformações possíveis com a cooperação, ressignificando as relações. Essa modalidade de apoio ao estudante merece especial atenção pela capacidade de alcançar os sujeitos que apresentam maiores limitações no processo de ensino aprendizagem que por outro viés poderiam não ser alcançados, oportunizando a superação das barreiras iniciais e ressignificação da relação desses sujeitos com a escola.

As estratégias utilizadas pelos estudantes para auxiliar os seus colegas parte do lugar comum em que estão, na formação de vínculos, na disponibilidade, na motivação. É possível afirmar que, monitores e estudantes assistidos, estão conscientes dos benefícios mútuos da aprendizagem cooperativa, da educação como um processo de humanização, assim temos a confirmação da proposição inicial de que a interação entre pares é uma estratégia eficaz para o sucesso dos processos de aprendizagem.

Entende-se que esse programa de apoio aos estudantes, sobretudo no caso dos cursos profissionalizantes de nível técnicos, configura-se como importante equalizador das condições de permanência e êxito em uma escola de nível federal que tem como modalidade

de acesso o sorteio. Assim, abrimos questões, lançamos o desafio de um olhar mais apurado em direção a esse contexto de aprendizagem colaborativo, com a disposição e a curiosidade para elaborar alternativas viáveis a nossa realidade dinâmica e em constante transformação, quiçá promovendo maior aproveitamento deste recurso implicando em melhorias a comunidade.

7 REFERÊNCIAS

- ALVES, Rosimar Pires; ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. Planejamento: organização, reflexão e ação da prática docente. *Anais Sciencult*, v. 1, n. 1, Paranaíba, 2009. Disponível no [sítio http://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3449/3422](http://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3449/3422) acesso realizado em 01 de setembro de 2018.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. *Revista Em Aberto*, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994 Disponível no [sítio emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1944/1913](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1944/1913) acesso realizado em 22 de maio de 2018.
- ARAUJO, Elaine Sampaio. Mediação da Aprendizagem Docente. IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, ABRAPEE. Universidade Presbiteriana Mackenzie.FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. 2009. Disponível no [sítio http://www.abrapee.psc.br/documentos/cd_ix_conpe/ixconpe_arquivos/26.pdf](http://www.abrapee.psc.br/documentos/cd_ix_conpe/ixconpe_arquivos/26.pdf) acesso realizado em 10 de setembro de 2018.
- AZEVEDO, Fernando de. (e orgs) Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959). Ministério da Educação e Cultura. Fundação Joaquim Nabuco. Coleção Educadores MEC, 2010. Disponível no [sítio http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf) acesso realizado em 07 de maio de 2018.
- AZEVEDO, Sílvia & Correia, Fátima. A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional. *RES Revista de Educación Social* número 17, Julio de 2013. Disponível no [sítio http://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf](http://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf) acesso realizado em 20 de março de 2019.
- BALFFI, Maria Adelia Teixeira. O planejamento em educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas. Petrópolis, RJ: 2002. Disponível no [sítio http://inf.aedb.br/faculdades/ped/conteudo/gestao_escolar/O_planejamento_em_Educacao_revisando_conceitos.pdf](http://inf.aedb.br/faculdades/ped/conteudo/gestao_escolar/O_planejamento_em_Educacao_revisando_conceitos.pdf) acesso realizado em 16 de novembro de 2018.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução Luiz Antonio Reto e Augusto Pinheiro, Universidade de França, 1977, Edições 70. Disponível em https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34601480/bardinlaurence-anlisedecontento-140414215528-phpapp01.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1552824635&Signature=ik%2B069vaQfJSRjgTqFdxxwUHp5U%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DLAURENCE_BAROIN.pdf acesso realizado em 01 de março de 2019.
- BARBOSA, Eduardo F.. Instrumento de coleta de dados em pesquisas educacionais. *Revista Ser professor*, 2013. Disponível no [sítio http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf](http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf) acesso realizado em 08 de janeiro de 2019.
- BERGER, P. & Luckmann, T. (1999). A construção social da realidade. Rio de Janeiro. Editora Vozes. Texto original de 1967.

- BERGER FILHO, Ruy Leite. Educação profissional no Brasil: novos rumos. OEI - Ediciones - Revista Iberoamericana de Educación - Número 20. Disponível no sítio <https://rieoei.org/historico/documentos/rie20a03.htm>
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; CAPPELLETTI, Isabel Franchi. Fenomenologia: uma visão abrangente da educação. Editora Olhodagua, 1999. Disponível no sítio <https://www.sepq.org.br/livros> acesso realizado em 20 de janeiro de 2019.
- BRANCO, Mariane Rodrigues & NOGARO, Arnaldo. O planejamento das ações da escola na perspectiva da construção da cidadania. Roteiro, Joaçaba, v. 34, n. 1, p. 93-110, jan./jun. 2009 Disponível no sítio <https://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/download/298/51> acesso realizado em 18 de novembro de 2018.
- BRAGA, Elizabeth dos Santos. A constituição social do desenvolvimento. Lev Vigostki Principais teses. Revista História da Pedagogia, 2008. Disponível no sítio https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4114713/mod_resource/content/1/artigo_a_constituicao_social_do_desenvolvimento.pdf acesso realizado em 18 de julho de 2018.
- BRASIL, 1988. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 26.jun.2016.
- BRASIL, 1996. Lei nº. 9396, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm acesso em 26.jun.2016.
- BRASIL, 2007. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio. Equipe no Ministério da Educação e Cultura. Disponível no sítio http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf acesso realizado em 26.jun.2016.
- BRASIL, 2010. Decreto Nº 7.234, de 19 de julho de 2010, dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil, disponível para consulta no sítio http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm acesso em 22.jun.2016.
- BRASIL, 2014. Resolução Nº 14, de 30 de maio de 2014, Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Brasília. Conselho Superior, Instituto Federal de Brasília. Disponível em <http://www.ifb.edu.br/attachments/article/6397/POL%C3%8DTICA%20DE%20ASSIST%C3%8ANCIA%20ESTUDANTIL333.pdf> acesso em 26.jun.2016.
- BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. Revista Pro-Posições | v. 27, n. 1 P. 155-177, jan./abr. 2016. Disponível no sítio <http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n1/1980-6248-pp-27-01-00155.pdf> acesso realizado em 30 março de 2018.

- BRINHOSA, Mário César. A função social e pública da educação na sociedade contemporânea. In LOMBARDI, José Claudinei (org) Globalização, pós-modernidade e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 14 edição. Rio de Janeiro - RJ; Bertrand Brasil, 2010.
- BZUNECK, José Aloyseo. As Crenças de Auto-Eficácia e o seu Papel na Motivação do Aluno. In E. Boruchovitch & J.A. Bzuneck (Org.) A Motivação do Aluno: Contribuições da Psicologia Contemporânea. Petrópolis: Editora Vozes; 2009: pgs 116-133. Disponível no sítio <http://www.uky.edu/~eushe2/Pajares/Bzuneck2.pdf> acesso realizado em 12 de março de 2019.
- CAMPOS, Anna Maria. Pesquisa: relevância social, cooperação e abertura a aprendizagem. Revista de Administração de Empresas. Rev. adm. empres. vol.24 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1984, páginas 141 a 145; disponível no sítio http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901984000400023 acesso realizado em 26 de maio de 2018.
- CARDOSO, Aliana Anghinoni, DEL PINO, Mauro Augusto Burkert; DORNELES, Caroline Lacerda. Os Saberes Profissionais dos professores na perspectiva de Tardif e Gauthier: contribuições para o campo de pesquisa sobre os saberes docentes no Brasil. IX ANPED Sul - Seminário de Pesquisa e Educação da Região Sul, 2012. Disponível no sítio <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/668/556> acesso realizado em 23 de outubro de 2018.
- CARMO, Vera. O uso de questionários em trabalhos científicos. Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível no sítio http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cient%EDficos.pdf acesso realizado em 10 de outubro de 2018.
- CARVALHO, Josué de Oliveira; CARVALHO, Lindalva R. S. O.; A educação social no Brasil: contribuições para o debate. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível no sítio http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100024&script=sci_arttext acesso realizado em 03 de março de 2018.
- CASTORINA, José A.; Faigenbaum, Gustavo; Clemente, Fernando. Conhecimento Individual e Sociedade em Piaget: implicações para a investigação psicológica. Revista Educação e Realidade, jan-jun 2002. Disponível no sítio <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25937/15198> acesso realizado em 15 de maio de 2018.
- CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de & TUCUNDUVA, Cristiane Costa & ARNS, Elaine Mandelli. A importância do Planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. Athena - Revista Científica de Educação, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível no sítio <http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf> acesso realizado em 10 de novembro de 2018.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013 (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COLMÁN, Evaristo e POLA, Karina Dala. Trabalho em Marx e Serviço Social. Revista Serviço Social, 2009. Disponível no site http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf acesso realizado em 03 de março de 2018.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação, Estado e Democracia no Brasil. 6 edição. São Paulo: Cortez, 2009.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Revista Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível no site <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf/> acesso realizado em 10 de janeiro de 2019.

DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução: Andre Stahel M. da Silva. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2005.

DESCARTES, René. Discurso do método. Tradução de Paulo Neves, Porto Alegre: L&PM, 2008.

DEMO, Pedro. Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

DIONNE, Hugues. A pesquisa-ação para o desenvolvimento local. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

ECO, Humberto. Como se faz uma tese. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ECCO, Idanir; NOGAVO, Arnaldo. A educação em Paulo Freire como processo de humanização. Educere: XI Congresso Nacional de Educação. 2015. Disponível no site http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf acesso realizado em 22 de março de 2018.

FÁTIMA E SILVA, Rosália. Compreender “a entrevista compreensiva. Revista Educação em Questão, v 26, n 12, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006. Disponível no site <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4504/3687> acesso realizado em 23 de janeiro de 2019.

FEITOSA, Fabio Biasotto. Habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem na interface da educação com a saúde. Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacoal (FACIMED) 2012. Disponível no site <http://www.facimed.edu.br/o/revista/pdfs/6a574a5667a1f02eec966d62d3c9af10.pdf> acesso realizado em 12 de março de 2019

FINO, Carlos Nogueira. Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo. Universidade da Madeira, 2004. Disponível no site

http://www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/Draft_Convergencia_Vygotsky_construtivismo_construcionismo.pdf acesso realizado em 16 de julho de 2018.

FONTANA, David. Psicologia para professores. Tradução Doris Sanches Pinheiro. Editora Manole, 1991.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. A Revolução de 1930 e a Economia Brasileira. Revista EconomiA, Brasília(DF), v.13, n.3b, p.843–866, set/dez 2012. Disponível no sítio http://www.anpec.org.br/revista/vol13/vol13n3bp843_866.pdf acesso realizado em 15 de março de 2018.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 14 ed, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Luiz Gustavo Lima. Auto-regulação da aprendizagem. Ciências & Cognição: revista interdisciplinar de estudos da cognição. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal: 2009 Vol 14 (2): 276-286. Disponível no sítio <http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/115/88> acesso realizado em 23 de março de 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final do século. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Tutoria entre estudantes: uma proposta de trabalho que prioriza a aprendizagem. Revista Portuguesa de Educação, 2012, 25(2), pp. 217-240; 2012, CIED - Universidade do Minho - Portugal. Disponível no sítio <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v25n2/v25n2a10.pdf> acesso realizado em 23 de março de 2019.

FRISON, L., & MORAES, M. (2011). As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. Revista Poésis Pedagógica, 8(2), 144-158. Disponível no sítio <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i2.14064> acesso realizado em 23 de março de 2019.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012. Disponível no sítio <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/3909/2386> acesso realizado em 20 de março de 2018.

GALINDO, Wenda Cristina Marinho. A Construção da identidade do profissional docente. Psicologia, Ciência e Profissão, 2004 (pg 14 a 23). Disponível no sítio <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a03.pdf> acesso realizado em 8 de janeiro de 2019.

- GALVÃO, Marisa Nunes & CIFUENTES, Ricardo. Cooperação, autogestão e educação nas novas configurações do trabalho. *Revista Org e Demo*, 2001 pg 29-40. Disponível no sítio <http://www.bjis.unesp.br/revistas/index.php/orgdemo/article/view/448> acesso realizado em 21 de março de 2019.
- GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: teoria das inteligências múltiplas. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 edição, São Paulo: Atlas, 2010.
- GODOI, Lúcia Silva Guimarães. Zona de Desenvolvimento Proximal, aprendizagem cooperativa e tutoria entre pares: implicações para a qualificação da prática pedagógica nos centros de educação infantil. *Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós*, ISSN 2179-9636, Ano 2, número 8, dezembro de 2012. Disponível no sítio <http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero08/desenvolvimentoProximal.pdf> acesso em 26.jun.2016.
- GHIRALDELLI Junior, Paulo. História da Educação Brasileira. São Paulo: Cortez, 2006.
- GOLEMAN, Daniel. Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso. Tradução Cássia Zanon. Rio de Janeiro, editora Objetiva, 1ed, 2014.
- INGOLD, Timothy. Da Transmissão de representações à educação da atenção. *Revista Educação*, Porto Alegre. vol 22, jan/abril 2010. Disponível no sítio <http://www.redalyc.org/html/848/84813117002/> acesso realizado em 20 de maio de 2018.
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Disponível no sítio <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=1834088> acesso realizado em 12 de março de 2019.
- IZA, Dijnine Fernanda Verdovatto; BENETES, Larissa C. et al. A identidade docente: as várias faces da constituição do ser professor. *Revista eletrônica educação*, v 8, n 2, p 273-292, 2014. Disponível no sítio <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/978/339> acesso realizado em 12 de dezembro de 2018.
- JÓFELI, Zélia. Piaget, Vygotsky, Freire e a construção do conhecimento na escola. *Revista Educação: teorias e práticas*. Ano 2, n 2, dezembro de 2002.
- KUDE, Vera Maria Moreira. Como se faz análise de dados na pesquisa qualitativa em psicologia. *Revista Psicologia e Processos da Educação*, 2004. Disponível no sítio www.ead.pucrs.br/Biblioteca/PsicoProcEdu/2004/.../Apêndice%20C%20análise.doc acesso realizado em 20 de março de 2019.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo, editora Cortez, 1994.
- LOUREIRO, Armando. O trabalho, os saberes e as aprendizagens em técnico de educação de adultos. *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, nº 31, 2010, 105-122. Disponível em http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC31/ESC31_ArmandoLoureiro_105-122.pdf acesso em 26.jun.2016.

- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUCKESI, Cirpiano Carlos. Gestão do currículo: verificação ou avaliação o que pratica a escola. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. 2010. Disponível no sítio http://www2.ccv.ufc.br/newpage/conc/seduc2010/seduc_dir/download/avaliacao1.pdf acesso realizado 15 de dezembro de 2018.
- MACIEL, Willyan. Escolástica. Revista digital Info Escola, disponível no sítio <https://www.infoescola.com/filosofia/escolastica/> acesso realizado em 06 de fevereiro de 2018.
- MACHADO, Evelcy Monteiro. Educação social e relações com especificidades socioeducativas. Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, 2012. Disponível no sítio <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3914/2391> acesso realizado em 26 de janeiro de 2018.
- MACHADO, Érico Ribas; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; RODRIGUES, Marli de Fátima. Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social no Brasil: entrecruzamentos, tensões e possibilidades. Revista Interfaces Científicas - Educação, Aracaju, V.3, N.1, p. 11 - 20; Out. 2014. Disponível no sítio <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/download/1635/976> acesso realizado em 20 de março de 2018.
- MACHADO, Vera Lúcia Sobral. Dificuldades de aprendizagem e a relação interpessoal na prática pedagógica. Paidéia (Ribeirão Preto) Paidéia (Ribeirão Preto) no.3 Ribeirão Preto Aug./ 1992. Disponível no sítio http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000300004 acesso realizado em 20 de fevereiro de 2019.
- MATEUS, Maria do Nascimento Esteves. O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. Instituto Politécnico de Bragança - ESE - Portugal. EDUSER: revista de educação, Vol 4(1), 2012. Disponível no sítio <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/7726/1/87-335-1-PB.pdf> acesso realizado em 20 de março de 2019.
- MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a pedagogia moderna. Tradução Newton Ramos de Oliveira. Campinas, SP. Ed Alínea, 2007.
- MARTINEZ, Albertina Mitjans e TACCA, Maria Carmen Villela (orgs). A complexidade da aprendizagem: destaque ao ensino superior. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2009.
- MEDEIROS, Marília Salles Falci. Abordagem Histórica da Reestruturação Produtiva no Brasil. Revista Latitude, vol. 3, n 1, pp 55-75, 2009. Disponível no sítio http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/viewFile/641/pdf_44 acesso realizado em 16 de março de 2018.
- MEDEIROS, Paula Cristina; LOUREIRO, Sonia Regina; LINHARES, Maria Beatriz Martins; MARTURANO, Edna Maria. A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica,

2000 pg 327 a 336, disponível no sítio <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v13n3/v13n3a02.pdf> acesso realizado em 10 de março de 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2010. Um novo modelo em educação tecnológica: concepções e diretrizes. 2010, disponível no sítio http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192 acesso realizado em 22.Jun.2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2007. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf acesso em 20.jun.2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2009. Centenário da Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf acesso em 26. jun. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, 2010. Fundação Joaquim Nabuco. Coleção Educadores MEC, 2010. Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959). Disponível no sítio <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4707.pdf> acesso realizado em 07 de maio de 2018.

MORAIS, João Kaio Cavalcante de; MOURA, Dante Henrique. Do Taylorismo/Fordismo à acumulação flexível: implicações dos regimes de acumulação para o mundo do trabalho. Revista Labor Fortaleza/CE, jan/jul 2017 Vol. 01, nº 17, p. 62-72. <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/19299/30254> acesso realizado em 26 de março de 2018.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins & NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. Revista Educação e Sociedade, ano XXIII, no 78, Abril/2002. Disponível no sítio <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v23n78/a03v2378.pdf> acesso realizado em 12 de novembro de 2018.

OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de; DOURADO, Luiz Fernandes. Função social da educação e da escola. Disponível no sítio http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala_politica_gestao_escolar/pdf/saibamais_8.pdf consulta realizada em 05 de dezembro de 2017.

PACHECO, Eliezer. Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica.

PARO, Vitor Henrique. Educação como exercício de poder: implicações para a prática escolar democrática. In PARO, Vitor Henrique. A administração escolar e a condição política da educação. São Paulo: Feusp, 2007. Disponível no sítio www.sindservsantos.org.br/imagens/upload/documento68.doc acesso realizado em 04 de março de 2018.

PIMENTA, Selma Garrido (org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. 8ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge & AZZI, Roberta Gurgel. Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: introduzindo modelos de investigação e intervenção. Psic. da Ed., São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 75-94. Disponível no sítio <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n29/n29a05.pdf> acesso realizado em 24 de março de 2019.

PRESTES, Zoia Ribeiro. Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil Repercussões no campo educacional. 2010. Tese de doutorado apresentado à Universidade de Brasília. Disponível no sítio https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/ZOIA_PRESTES_-_TESE.pdf?1462533012 acesso realizado em 24 de junho de 2018.

PLANO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, PNE 2011-2020, Ministério da Educação, disponível em http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf acesso realizado em 12 de dezembro de 2017.

QUARESMA, Valdete Boni e Silva Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Revista de Pós-graduação em sociologia e política da UFSC. Vol 2, n 1(3), janeiro-julho 2005, p 68-80. Disponível no sítio <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976> acesso realizado em 10 de janeiro de 2019.

RESOLUÇÃO n 1, de 5 de dezembro de 2014, Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, disponível no sítio http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16705-res1-2014-cne-ceb-05122014&category_slug=dezembro-2014-pdf&Itemid=30192 <acesso realizado em 23 de março de 2018>.

Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos. – Brasília : UNESCO, 2010. 156 p. Disponível no sítio <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001886/188644por.pdf> acesso realizado em 08 de junho de 2018.

RAMOS, Jeannette F. Pouchain; LEITE, Adriana Antero; FIGUEIRAS FILHO, Luciano de A. Função Social da Escola: qual o lugar do pedagógico, do político e do trabalho? Disponível para consulta no sítio <http://educas.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/04/FUN%C3%87%C3%83O-SOCIAL-DA-ESCOLA.pdf> acesso realizado em 05 de dezembro de 2017.

ROSE, Júlio C. de; Análise comportamental da aprendizagem da leitura e escrita. Universidade Federal de São Carlos, Revista Brasileira de análise do comportamento, 2005, vol. 1, n. 1, pag 29-50. Disponível no sítio <https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/viewFile/676/965> acesso realizado em 8 de março de 2019.

SAFANELLI, Arcângelo Dos Santos; KLAES, Luiz Salgado; Wolff, Andréa; CERQUEIRA, Raquel Lílian Barbi De. A educação cooperativa: valorização do ser humano. XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul. Florianópolis, 2011. Disponível no sítio

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/32873/8.21.pdf?sequence=>
acesso realizado em 21 de março de 2019.

SANCHES, Isabel. Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva. Revista Lusófona de Educação, 2005, n. 5, pags. 127-142. Disponível no sítio <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n5/n5a07.pdf> acesso realizado em 20 de fevereiro de 2019.

SANTANA, Vilma S.; OLIVEIRA, Roberval P. Saúde e trabalho na construção civil em uma área urbana do Brasil. Disponível no sítio https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2004000300017&script=sci_abstract&tlng=es acesso realizado em 15 de abril de 2018.

SANTOS, Deribaldo; JIMENEZ, Susana; VIANA, Cleide Maria Quixadá; RABELO, Jackline (org). Educação Pública, formação profissional e crise no capitalismo contemporâneo. Fortaleza: EdUECE, 2013.

SEIXAS, Paulo Castro. O mundo plural: a educação como dissonância e tradução. Calidoscópio Vol. 14, n. 1, p. 159-165, jan/abr 2016 Unisinos - doi: 10.4013/cld.2016.141.14. Disponível no sítio <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.141.14/5207> acesso realizado em 26 de junho de 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. rev. atual. - São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Cleverson Ramom Carvalho; PEIXOTO FILHO, José Pereira; GODINHO, Ana Claudia Ferreira. REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ORIGEM E CONTEXTOS ATUAIS. VI Simposio Internacional SITRE - Trabalho, relações de trabalho, educação e identidade. Disponível no sítio http://www.sitre.cefetmg.br/arquivos/Anais/GT-10/sitreGT10i137_-_REDE_FEDERAL_DE_EDUCAxO_PROFISSIONAL_E_TECNOLxGICA_ORIGEM_E_CONTEXTOS_ATUAIS.pdf acesso realizado em 01 de maio de 2018.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan e ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. Estudos de Psicologia, Campinas, paginas 355-365, julho - setembro 2013. Disponível no sítio <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n3/v30n3a05.pdf> acesso realizado em 19 de julho de 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) O sujeito da educação: Estudos foucaultianos. 8. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 - (Ciências Sociais da Educação). Vários autores.

SILVA, Débora Maria Valverde da; PINHEIRO; Marcus Túlio de Freitas; SANTOS, Letícia Machado dos. Educação Básica com intermediação tecnológica: aprendizagem significativa dos educandos através da apropriação dos artefatos. Educere: XII Congresso Nacional de Educação. Formação de professores, contextos, sentidos e práticas. Disponível no sítio http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26261_13385.pdf acesso realizado em 01 de agosto de 2018.

- SILVA, Edna Lúcia da. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. / Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.
- SILVA, Rosimeyre Vieira da; LIMA e SILVA, Joselma Ferreira. Entrevista compreensiva: possibilidades de aproximação com o pensamento complexo. Unesco, Governo do Estado do Ceará, UECE e UCB. Disponível no sítio http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-28528-30032016-234322.pdf acesso realizado em 12 de março de 2019.
- SOARES, José Francisco. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. REICE - Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación 2004, Vol. 2, No. 2. Disponível no sítio <http://www.ice.deusto.es/rinace/reice/vol2n2/Soares.pdf> acesso realizado em 10 de março de 2019.
- SOBREIRA, Dayane Nascimento; SILVA, Iolanda Barbosa. A educação em jogo: um confronto entre Foucault, Bourdieu e Paulo Freire. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5 3707, Pag. 3707 a 3715. Disponível no sítio http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.01.pdf acesso realizado em 20 de maio de 2018.
- SOBRINHO, José Dias. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1223-1245, out.-dez. 2010 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400010 consulta realizada em 09 de dezembro de 2017.
- TRAGTENBERG, Maurício. Relações de poder na escola. Lua Nova vol.1 no.4 São Paulo Mar. 1985. Disponível no sítio http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000100021 acesso realizado em 12 de março de 2018.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. Marxismo e educação: contribuição ao debate sobre a teoria educacional e a transição. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 257-270, abr: 2011. Disponível no sítio http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art18_41e.pdf acesso realizado em 15 de abril de 2018.
- TEIXEIRA, Edival Sebastião. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias. Centro Federal de Educação Tecnológico do Paraná - CEFET/PR .Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.2, p. 235-248, jul./dez. 2003. Disponível no sítio <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v29n2/a03v29n2.pdf> acesso realizado em 21 de março de 2019.
- TEIXEIRA, Luzimar. Revisão teórica sobre a educação de adulto para uma aproximação com a andragogia. Disponível no sítio <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3746/2150> acesso realizado em 18 de junho de 2018.

- VIGOSTKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. Disponível para consulta no sitio <http://interacao.info/diversos/Marcia/2012%20-%202%20semestre/aprendizagem%20e%20desenvolvimento%20psicologia.pdf> acesso realizado em 25 de junho de 2016.
- VIEIRA, Mariana Batista. Timidez e exclusão-inclusão escolar: um estudo sobre identidade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC-SP, 2010. Disponível no sítio <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15973/1/Mariana%20Batista%20Vieira.pdf> acesso realizado em 25 de março de 2019.
- VILA, Edmarcia Manfredin. Treinamento de habilidades sociais em grupo com professores de crianças com dificuldades de aprendizagem: uma análise sobre procedimentos e efeitos da intervenção. São Carlos : UFSCar, 2005, 128 p. Dissertação de Mestrado, 2005. Disponível no sítio <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3146/DissEMV.pdf?sequence=1> acesso realizado em 20 de fevereiro de 2019.
- VOGT, Maria Saleti Lock & ALVES, Elioenai Dornelles. Revisão teórica sobre a educação de adultos para uma aproximação com a andragogia. Revista Educação. Santa Maria - RS, v.30, n.02, p 195-214, 2005. Disponível no sítio <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/3746/2150> acesso realizado em 15 de junho de 2018.
- YOUNG, Michael e MOORE, Rob. O conhecimento e o currículo na sociologia da educação: em busca de uma ressignificação. MOREIRA, Antonio Flavio B. (org) Ênfases e Omissões no currículo. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ANEXO I

Sr. Diretor,

Sou Diana Angélica Carvalho de Sousa, técnica em assuntos educacionais, lotada no *campus* Brasília, deste Instituto Federal de Brasília. Encontro-me hoje matriculada no curso de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária do Instituto Politécnico de Santarém Portugal.

Como requisito para obtenção do grau de mestre, estou desenvolvendo a pesquisa sobre “Aprendizagem entre pares como estratégia de permanência e êxito nos cursos técnicos do *campus* Brasília”, sendo orientada pelo professor Dr. Paulo Jorge de Castro Garcia Coelho Dias.

Compreendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96) e mais precisamente o Decreto que instituiu o Programa Nacional de Assistência Estudantil (7234/2010) que enfatizam a função da escola na inclusão social como estratégia para a promoção da autonomia e do desenvolvimento, tanto do cidadão quanto da comunidade na qual está inserido. Nesse sentido, o programa que promove a aprendizagem entre pares pode representar um impulso na promoção da autonomia e emancipação dos sujeitos, por isso é fundamental reconhecer os avanços conquistados, refletir sobre possíveis lacunas e prospectar melhorias, sendo esses os objetivos do presente trabalho.

Assim, o movimento de desconstrução e reconstrução para a fundamentação e desenvolvimento de um dado conhecimento de uma pesquisa, tendo por base a relevância da prática visto que o conhecimento não é apenas teórico, nos propomos a observar a práxis como base para a construção de saberes que ultrapassem o abstrato descortinando caminhos para a promoção das mudanças que desejamos ver, pois a educação não é um fenômeno isolado, mas uma ação inserida em um contexto sócio, político, cultural.

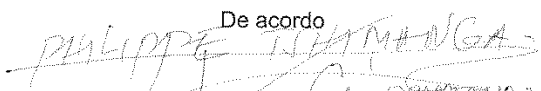
A pesquisa será realizada junto aos discentes dos cursos técnicos que participaram do programa bolsa monitoria, os discentes assistidos pela monitoria e a equipe pedagógica da Assistência Estudantil/Coordenação Pedagógica.

Todas as informações dos participantes são confidenciais e serão utilizadas somente para fins acadêmicos e científicos. Todos que concordarem em participar assinarão termo de consentimento livre e participação. Assim, solicito autorização para realizar a coleta de dados junto a Assistência Estudantil no recorte temporal entre 2017 e 2018.

Coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos e agradeço a atenção.

Respeitosamente,


Diana Angélica Carvalho de Sousa
Siape 1969093

De acordo

Philippe Tshimanga Kabutakapua
Diretor Geral do *campus* Brasília

ANEXO II

Foram organizados quadros de análise das entrevistas aos estudantes monitores e aos estudantes atendidos na monitoria tendo se chegado às seguintes categorias:

Aspectos cognitivos	sanar dúvidas (predominante na fala dos entrevistados); reforçar o conteúdo; melhor concentração; melhor memorização; mais agilidade de pensamento; evidenciar questões importantes para as avaliações.
Aspectos comportamentais	buscar ajuda; enfrentar a timidez para fazer perguntas aos colegas; maior abertura para as relações interpessoais; maior disponibilidade em ajudar; maior envolvimento com os processos educativos; maior compromisso com os estudos; busca de outros recursos, além da sala de aula, para ampliar os conhecimentos.
Aspectos/exemplos mais positivos	estímulo à curiosidade; incentivo a buscar os estudantes com baixo rendimento; recebe feedback sobre atuação; relação de parceria; acolhimento.
Aspectos/exemplos mais negativos	Prefere evitar o contato; Só procura como última alternativa;
Outros (no gráfico 2)	desinteresse dos colegas; dificuldades de conciliar horários; pouco compromisso dos colegas; falta de acompanhamento.
Outros (no gráfico 4)	melhorar autoestima; enfrentar a timidez;
Imperceptível	não percebeu; não lembra no momento.

APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTA COM MONITORES

Entrevistado:

Local da entrevista:

Dia e hora:

1. Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação que está a desenvolver (objetivos do trabalho)
2. Solicitar a colaboração do entrevistado e realçar a importância da participação dele através da resposta às questões que lhe serão colocadas;
3. Garantir o anonimato da entrevista e a confidencialidade dos dados obtidos, que serão usados estritamente no âmbito do trabalho académico em curso
4. Solicitar autorização para gravação da entrevista

Após explanação sobre os objetivos da pesquisa e procedimentos que serão adotados, questionar se o entrevistado autoriza a gravação de sua voz e se ele ainda possui alguma dúvida em relação ao que foi explicado ou sobre a pesquisa.

Questões:

1. Como você avalia a contribuição da monitoria para o processo de ensino aprendizagem? Cite os aspectos positivos e os aspectos negativos
2. Em quais aspectos auxiliar os colegas no exercício da monitoria contribuiu para a sua formação? Cite exemplos.
3. Cite pelo menos um exemplo em que sua atuação como monitor contribuiu para a formação ou permanência dos seus colegas.
4. Quais foram as principais dificuldades de aprendizagem que você observou na interação com seus colegas? E quais foram as estratégias que você utilizou para ajudar na superação dessa dificuldade?
5. Como você percebe sua interação com o orientador? Cite aspectos positivos e negativos da orientação para o exercício da monitoria.
6. Na sua percepção, a interação com a equipe pedagógica da CDAE, da coordenação pedagógica, com os profissionais que apoiam a monitoria foi relevante para o bom desenvolvimento da sua atividade de monitoria? Cite um exemplo que ilustre essa interação.
7. Quais suas sugestões para melhoria do programa bolsa monitoria.

APÊNDICE 2 – GUIA DE ENTREVISTA COM DISCENTES

Entrevistado:

Local da entrevista:

Dia e hora:

1. Informar o entrevistado sobre o trabalho de investigação que está a desenvolver (objetivos do trabalho)
2. Solicitar a colaboração do entrevistado e realçar a importância da participação dele através da resposta às questões que lhe serão colocadas;
3. Garantir o anonimato da entrevista e a confidencialidade dos dados obtidos, que serão usados estritamente no âmbito do trabalho académico em curso
4. Solicitar autorização para gravação da entrevista

Após explanação sobre os objetivos da pesquisa e procedimentos que serão adotados, questionar se o entrevistado autoriza a gravação de sua voz e se ele ainda possui alguma dúvida em relação ao que foi explicado ou sobre a pesquisa.

Entrevista com aluno assistido

1. Na sua percepção, quais as principais contribuições da monitoria no desenvolvimento da sua aprendizagem?
2. Como foi sua relação com os colegas que estavam atuando como monitores? Descreva a relação, aspectos positivos e negativos.
3. Essa relação de compartilhamento de saberes entre colegas também ocorria em sala? Outros colegas se ajudam em sala, como acontece?
4. Você considera que ter alguém designado para dá suporte ao aprendizado, tirando dúvidas e auxiliando, contribuiu para a superação de algumas das suas dificuldades? Cite exemplo.
5. Você percebeu diferença entre o seu desenvolvimento na componente em que você foi atendida por um colega para outra componente em que você não recebeu apoio de monitoria. Exemplifique.
6. Houve alguma estratégia desenvolvida pelo monitor para facilitar o seu processo de aprendizado, algo que chamou sua atenção.
7. Quais sugestões você faz para melhoria da monitoria.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Caro (a) estudante,

Você foi identificado pela autora desta pesquisa de mestrado como parte de um público alvo que possui a seguinte característica: aluno contemplado com bolsa monitoria ou aluno assistido.

Este trabalho se propôs a investigar os processos de aprendizagem entre os pares que ocorrem na monitoria. Para atingir esse objetivo principal, será necessário análise documental dos questionários respondidos como requisito do programa e a análise da sua fala em entrevista.

É importante deixar claro que, para isso, a nossa conversa será gravada mas em nenhum momento sua identidade será revelada. Os relatos gravados durante a entrevista serão confidenciais e, quando utilizados para fins do trabalho especificado anteriormente, as fontes serão preservadas.

Dessa forma, gostaria de saber se concorda em participar voluntariamente desta entrevista e se autoriza a gravação dela.

Atenciosamente,

Diana Angélica Carvalho de Sousa

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome do entrevistado/ Assinatura